

ASSIGNATURAS  
 ANNO. .... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escriptorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Como estamos conversando sobre coisas amazonicas, vem a proposito chamar a esclarecida attenção do sr. Affonso Penna, para um telegramma destes dias, noticiando a deportação do dr. Cavalcanti pelo prefeito, o impagavel senhor de barão e cutello do Alto Juruá. Aquelle cidadão foi victima de uma condemnação summaria, popular, e, por cumulo de irrisão, a suprema auctoridade daquelle rio, conformando-se com a decisão violenta do povo (?), mandou garantir o embarque do deportado para elle nada soffrer, para não serem desacatadas as pessoas de sua familia.

O facto excede aos limites naturaes do verosimil, é um absurdo que commoveria as tartarugas, os tambaguis, si elles não estivessem, como nós, habituados a um regimen anarchico, onde todos os parafusos, todas as peças do mechanismo politico estão frouxas, deslocadas e oxydadas pela desidia, pela complacencia criminosa, pelo nepotismo e outras influencias deleterias que a decencia manda calar.

Parece que a prefeitura do Juruá, como as outras creadas em consequencia do tratado de Petropolis, não estão fóra da lei, não são como os territorios do *Far-West*, quando nelles a lei era dictada pelo rifle, pelo revólver dos mais fortes, no regimen da lei de Linch. Aquellas circumscripções, creadas para fazer dinheiro e para justificar o acerto do tratado como excelente operação financeira, devem estar subordinadas á lei federal, garantidora da liberdade de acção, de pensamento, da liberdade de consciencia e todas as outras que as instituições democraticas consagraram no papel como deslumbrante illusão.

Mas o cidadão Cavalcanti, possuido pela illusão de estar em terra brasileira, ouzou, talvez, malsinar actos da administração despótica do tal prefeito, que

é um verdadeiro typo de matoide, muito melindroso da sua illimitada auctoridade, das suas qualidades de administrador, de estadista, de philosopho, de homem muito arreliado e muito violento, toda a vez que lhe tem ido ás mãos a mais insignificante vara de poder.

O thermometro da indignação dos negociantes do Juruá subiu ao gráu rubro, aquecido pelo desaforo do ataque ao supremo senhor, ao *negus* daquellas paragens. Elles resolveram eliminar aquelle elemento dissonante da unanimidadeservil, abafar aquella vóz que perturbava a paz, a harmonia daquelle deserto sertão de aguas e florestas, e se constituiram em justiça popular, na falta de juizes legaes, que por alli passam, sem esquentar o assento, para justificarem aposentadorias opiparas ou fazerem jús aos vencimentos.

Parece que não havia lá nenhum delles no momento da deportação e, si algum estivesse, faria a figura de um dois de páus, porque o despotismo idiota do prefeito passa por cima da lei e dos seus representantes legitimos.

Com um desplante que provoca salivações de nojo, o prefeito tenta amenizar a violencia intervindo para salvar a victima dos terriveis effeitos da indignação popular: manda uma força proteger-lhe o embarque, e o sr. Cavalcanti Mello lhe deve estar muito agradecido por ter escapado com a senhora e filhos de ser atirado aos peixes.

E' um cumulo, uma monstruosidade—considere o sr. Affonso Penna—que ficará como outras muitas, si não constituirem titulos de benemerencia para o seu curioso auctor.

Nós temos notado com funda magua que precedentes de erros, de incapacidade, não incompatibilizam os individuos para a confiança do Governo. Individuos useiros e veseiros em dar com os burros n'agua não perdem por

isso a capacidade para guardal-os: individuos, portadores de um passado de erros, de provas evidentes de incompetencia, não desmerecem; antes, ficam naturalmente indicados para outros cargos difficeis, de grande responsabilidade.

\* \* \*

O prefeito do Alto Juruá foi escolhido a dedo para fazer politica de obstrucção ao governo do Amazonas. Elle tinha contas a ajustar, tinha no fundo do peito um grande sedimento de odio pelo que lhe fizeram quando lhe caíu nas soberbas unhas o governo do Amazonas; necessitava extravazar essa bilis que o envenenava: não havia melhor meio e oportunidade mais propicia do que lhe darem o dominio absoluto de um trecho de territorio naquella zona.

O homemsinho, máusinho e baixinho, deu por páus e por pedras, tanto que iniciou a sua administração; fez jús a uma demissão com todos os desmandos da sua maluquice demonstrada por factos notorios, incontestaveis; mas... veio ao Rio de Janeiro, conversou, entendeu-se com o amigo, o habilissimo sr. Seabra e... o Governo não sómente o conservou no cargo, como lhe testemunhou ternura de pae com a lambugem de uma gratificação...

O caso do dr. Cavalcante Mello será uma affirmação inequivoca da cordura, da obediencia á lei, do bom senso, do criterio do famigerado prefeito; será motivo para outra lambugem.

E'ahi está como se governam aquelles territorios da borracha — vaccas leiteiras no estabulo do Governo.

O sr. Affonso Penna, que Deus guie e preserve, váe ouvir coisas edificantes ácerca da vida administrativa dessas pretorias exóticas.

POJUCAN.

O SR. DR. ALMACHIO DINIZ, professor de Direito na Faculdade da Bahia, enviou-nos o artigo que váe abaixo. Não lhe falta interesse, assim na primeira como na segunda parte — nesta sobretudo — pela grande copia de informações curiosas dos epitaphios que, nos cemiterios bahianos, desfiam toda sorte de lyrismo.

### O sentimento da morte e a philosophia dos epitaphios

Ao dr. Sylvio Romero

A humanidade tem recebido sempre, sob impressões especiaes, o insubjugavel phenomeno da cessação da vida. O incidente da morte, de um modo geral, produz revelações psychicas nos sobrevividos, que pouco variam nos povos selvagens e nos povos cultos. E, á medida que os sentimentos religiosos se desenvolvem na escala descendente dos povos civilizados, a morte ascende nas pragmaticas fetichistas, dando ensejo ao symbolismo evolucionar, que vive de representações extravagantes e desconexas, no campo das doutrinas religiosas, ás mais das vezes, inquisitorias e absurdas.

As imaginações dos credulos, desde que o cadaver haja desaparecido de seus olhos, ou encerrando-se no esquife ou devorado pelo fogo, criam innumerables phantasias, que gizam materialmente a profundeza ostensiva produzida para o mysterio da morte. EDMOND e JULES DE GONCOURT procuraram explicar esse movimento fetichista em favor dos mortos, por meio das palavras seguintes: «A' proporção que ha civilização, progresso, o culto dos mortos, o respeito á morte, diminue. O enterrado já não é o ente sagrado, remettido ao temível *não-sei-quê* do além-mundo. A febre de viver das sociedades modernas, a batalha furiosa dos vivos, faz-nos, hoje, esquecer os ausentes na Eternidade.» Menos verdadeira, porém, a conclusão dessa theoria, impotente para explicar os factos em todos os seus delineamentos, fornecerá motivo para os protestos dos sectarios do positivismo religioso, que consagra os mortos, cada vez mais guiando os vivos: «les vivants sont toujours, et de plus en plus, dominés par les morts.» Effectivamente, parece de todo impossivel a acção dos desaparecidos sobre os seus posterios, si o homem actual facilmente alienar da memoria a lembrança dos que se fôram para a ausencia da eternidade.

Todos os povos, pela alliança do incognoscivel, que se apresenta, á primeira vista, para as transformações cadavericas, com as faculdades imaginativas postas ao serviço das consolaciones da alma, dão figurações á dura

realidade da morte. O sentimento religioso fecunda as consagrativas praticas e eleva-se á categoria de construcções philosophicas. Ora é o anjo das trévas symbolisado numâ ampulheta, que encerra um symbolismo ainda maior: a brevidade da existencia humana. Ora se lhe dá a representação de um brandão voltado, a luz embaixo: é a imagem de nossa vida, que o destino derriba e extingue. Ora, finalmente, apparecem as figuras dos mochos e das corujas, aves sinistras, hospedes das necropoles; das borboletas, symbolos da derradeira expiração, do suspiro, em que se acredita ouvir voar o principio intangivel e impalpavel, que se diz alma ou espirito; dos bezouros negros, que presagiam a morte, ou dos passaros pretos — o anum — que agoiram os enfermos... Outr'óra, entre os gregos, antes das consagrações dos teixos, dos cyprestes e dos suspiros, era uma divindade que presidia o perecimento dos homens: filha de *Erebe* e da *Noite*, a irmã mais velha do *Somno*. E, ainda hoje, entre povos eminentemente cultos, a morte é uma megéra, velha como o tempo, armada com uma foice terrivel, que ceifa ao seu talante as vidas que lhe são precisas... Ha, entretanto, ao lado dessa ultima, a representação da lagrima, mais poetica, menos expressiva, e tão fetichista como outra qualquer. Emfim, essas praticas graphicas e symbolicas revigoram-se com os philosophismos dos disticos, das prebendas, e das inscripções. Aqui, é o celebrado — *hodie mihi cras tibi*; — allí, é o petulante — *sic transit gloria mundi*; — acolá, o piedoso *orae por elle*...

Assim, o mysterio da morte se torna maior. Elle depende de todas essas mesquinhas, com que se desprestigia o phenomeno naturalissimo do morrer. Cada dia se vê surgir na liça uma nova farça. As nossas observações, porém, nos levam á convicção de que o sentimento da morte é menos destemperado nos povos incultos, emquanto o culto da morte é mais fraco entre elles e opulentado entre os cultos ou civilizados.

Parece assentado para alguns philosophos que a morte não é percebida pelos animaes inferiores, e que estes não teem a menor noção della. Entretanto, queremos crer diversamente, com PAUL BALLION, que o sentimento da morte, sendo pouco espalhado entre os animaes inferiores, não é nullo, e que se póde apresentar, claramente, sob diversos aspectos. Bastar-nos-á, para ser premissa da conclusão que tiramos, estabelecer que ha nos seres successores do homem na escala zoológica, a faculdade de distinguir, aliás por um insticto da fome, a presa viva da presa morta. E assim,

as aves de rapina, que fazem a sua nutrição com as carnes dos animaes mortos, não se approximam jámais dos vivos, ainda mesmo quando elles estão adormecidos ou immoveis. E nas charnecas onde pastam rebanhos de ovelhas magras, prestes a serem victimas de cachexia aquosa, PAUL BALLION notou que os córvos, tão magros e enfezados quanto as ovelhas, passam fome até ao instante em que a morte lhes forneça o alimento. Deve-se levar em conta, ainda mais, que ha uma manifestação mais franca e mais decidida do sentimento da morte, quando ocorre o desaparecimento de um qualquer animal. Foi sabiamente escripto por aquelle illustre observador, que «os animaes agem differentemente, segundo as especies, quando um dos seus acaba de morrer.» Por sua vez, resumindo um grande numero de observações de PAUL BALLION, asseverou o eminente HENRY COUPIN, num trabalho muito criterioso: «Ao lado daquelles—muito numerosos—que não manifestam mais do que uma indiferença absoluta pelo morto, ha outros, de uma moralidade menos elevada, que comem seccamente, simplesmente, o seu companheiro morto: neste numero, estão as toupeiras, os lobos impellidos pela fome e os ratos em jejum. Outros se contentam em manifestar espanto. VAILLANT matou, de uma vez, quatro cercopithecos de face escura, que fôram conduzidos para a sua tenda. Um simio domesticado, que vivia em sua companhia, mostrou-se espantado em presença dos cadaveres de seus congeneres. Considerou-os, um após outro, virando-os e revirando-os, em todos os sentidos, para bem examinal-os. E igualmente não é raro ver-se um urso farejar o cadaver de seu semelhante, removendo-o para melhor examinal-o. GORDON CUMMING notou um facto analogo a proposito de um burro selvagem, de um onagro, que elle tinha matado. O resto da tropa cercou-o, fungando e revolvendo-o. Depois, todos, como que espantados, partiram através da planicie.» Assim tambem em relação a muitos outros animaes.

Entre os homens, o sentimento da morte varia conforme o grau de cultura. E a civilização váe impondo, talvez como um dever de cortezia, a suppressão do pranto deante do fatal acontecimento da finalisação de um ente qualquer. Os signaes do lucto, por prazos longos, desaparecem sob variantes diversas. A presença de um morto nada tem, realmente, de anormal. Isto, principalmente, deante da verdade nihilista, que redúz tudo á materia insensivel e bruta, egual em todos os seres.

Outro tanto não succede com o culto aos mortos.

Entre os animaes bem poderemos considerar nullo o respeito aos mortos, ou o culto da morte na memoria dos desaparecidos. Todavia, citaremos como um facto transcendente o que observou o rev. WHITE, em relação aos *Lasius flavus*, nas seguintes circumstancias: «Um formigueiro artificial dessa especie de formigas, tinha sido estabelecido em um vaso de vidro, e, no fim de pouco tempo, um grande numero de formigas havia morrido e os seus cadaveres haviam sido transportados para a superficie do ninho por suas companheiras sobreviventes. No sexto dia dessa installação, o rev. WHITE collocou perto dos mortos tres pequenas celhas de papel, contendo mel, que elle destinava á nutrição de suas pensionarias. Depois de um jejum tão prolongado, devia-se crer que as formigas se lançassem sobre o mel afim de bebel-o com avidéz. Assim não foi, diz o auctor da observação: as formigas transformaram immediatamente as pequenas celhas em cemiterios, e ahi depositaram os seus mortos não tocando no alimento tentador.» Essa observação foi criticada por ERNEST ANDRÉ, estimado conhecedor do mundo das formigas. Disse elle: «Confesso que, apesar de todo o meu respeito para com a pessôa do rev. WHITE, e toda a minha admiração pelos nobres sentimentos de seus discipulos, não posso crer em um egual desinteresse para necessidades materiaes, por parte das formigas, e que os meus estudos pessoas me interdizem, inteiramente, de conceder ás formigas *Lasius flavus* essa patente de temperança insolita.» Verdadeira ou não, a observação do rev. WHITE não se oppõe ao facto geralmente conhecido de removerem as saúvas os cadaveres de suas companheiras para fóra de seus ninhos, onde ficam entregues ao maior abandono. As faculdades affectivas, que se revelam nos animaes inferiores para com os homens, são pouco, ou nada, desenvolvidas. Dahi, ao nosso ver, a impossibilidade do culto aos mortos entre os seres sub-humanos.

O que se passa, no emtanto, no mundo dos homens, como é natural, tem differenciações radicaes. Celebram-se ceremonias cultuaes aos mortos, tão exaggeradas e fetichistas, que chegam ao ridiculo. E talvez seja de extranhar a muita gente que os orientaes, especialmente os chinezes, occupam uma posição saliente neste assumpto, o que levou nm sapiente escriptor a dizer que «na hora actual, é de bom alvitre lançar á China a pedra do progresso». — (PAUL D'ENJOY). A idéa da cohesão familiar, ligando todos os filhos do Celeste Imperio, tem

sido um elemento de força para a immortalidade da crença de que todas as familias se reúnem na eternidade e resumem-se no grande conceito de um sêr supremo, de Deus, que vem a ser o pae unico e omnipotente da Agua e da Terra — esses dois elementos constituintes do que se chama patria. O enterramento dos mortos, por familias, faz-se nos terrenos das suas propriedades privadas, e jámais o chinez consentiu na exhumação dos ossos do sepultado, decorram os annos que decorrerem, mudem-se, quantas vezes assim aconteça, os proprietarios dos terrenos. Então, narra um observador consciencioso, «cada anno, ao renovamento da primeira lua, depois de ter restaurado os seus mausoléos de familia, o chinez váe piedosamente ornamentar o tumulo do desconhecido, o qual elle está guardando em virtude dos seus deveres de proprietario real. Parece-lhe que, no além-mundo, o morto abandonado pelos vivos lhe agradecerá e que a sua terra será abençoada.»

Serão, pois, uma dolorosa profanação, capaz de exasperar o animo religioso dos amarellos, as nossas excavações scientificas nos cemiterios, as autopsias, que trazem á flôr da terra os corpos decompostos de nossos semelhantes. Não é simples motivo de crença. Elles levam a um motivo de moralidade ou de pudor, o segredo dos tumulos, o hermetismo das covas, que, fechadas uma vez, jámais se abrirão. E PAUL D'ENJOY nos assevera que entre os povos dos paizes amarellos, sem auctorisação dos superiores hierarchicos competentes, nem mesmo as auctoridades municipaes pôdem tocar nos cadaveres. A infracção dessa pratica secular é criminosa. Pelo que continúa o mesmo auctor: «Si ellas transportam um corpo, seja elle o de um desconhecido, encontrado ao desamparo, enterrando-o, com a infracção da lei prohibitoria, incorrem em graves penas corporaes. Serão oitenta bastonadas pelo transporte e pelo enterro simples; cem, si o corpo soffreu qualquer detrimento; sessenta e um annos de prisão, si o cadaver fôr destruido ou lançado n'agua. Quanto aos que auxiliarem essa obra sacrilega, são enviados para o exilio. Os paes não teem a faculdade de supprimir o tumulo de qualquer dos seus descendentes, sem se exporem á decapitação». Em consequencia desses habitos, contrarios, extremamente, aos dos egypcios, cujas mumias percorrem, profanadoramente, os mundos, mumias de sabios e justos; em consequencia do respeito pessoal aos mortos, apparece o respeito á cidade delles, ás necropoles e aos cemiterios, pelo mesmo principio de solidariedade e de parentesco geral, que une todas

as familias chinezas, para os habitos e para os sentimentos. Os amarellos teem horror ás necropoles do mundo europeu, e não admittem que um cadaver possa ser numerado e catalogado, alugando-se o seu commodo de descanso final, o leito do somno eterno, ao pezo do ouro e da moeda!

A experiencia de seculos, uma fraternisação immorredora, de longos centenares de annos, e a consciencia da egualdade estabelecida pelo principio immutavel da fraternidade social hierarchica, conforme a moral de CONFUCIO, facilitam aos chius a supremacia entre os que sabem respeitar os seus mortos. Elles, os chinezes, teem tambem a vaidade dos epitaphios, vaidade que chega a ser antegozada, que se faz gloriosa em vida pelos auto-epitaphios, uzo muito commum entre os occidentaes.

Entre nós, os africanos sobreviventes aos dois milhões de escravos que importamos da Africa, mantêm a pratica fetichista do *egum*, actos solemnes, para os quaes são convidados alguns brancos, e que se realizam sempre que morre algum crente, na presença do cadaver, lembrando as missas de corpo presente de outra religião. E a cerimonia africana começa quando se ouve uma vóz cavernosa e apavorante, partida de um esconderijo, a qual profere: «*Emim, toculoni mopé, cá-um-pé, emim!*» (Eu que morri hoje, quero que chamem por mim!) Desdobram-se acções rituaes, por entre toques de *atabaques*, até que apparece o *alud*. Então, se canticos, variando a prolixidade das ceremonias segundo os haveres e a fortuna dos parentes do fallecido. Passados os actos de corpo presente, ao fetichismo africano mistura-se um pouco de religião catholica: no trigesimo dia do passamento, reza-se uma missa e offerece-se um lauto banquete de acepipes de origem africana. Não raro, põem-se em uzo os *xeguedêo* e os *atabaques*, tomando maior vulto a commemoração. No emtanto, cultuadores eximios de seus mortos, os africanos não uzam os epitaphios. E é neste genero de consagrações que se aprecia a cultura humana, cujo culto aos mortos decáe com a ridicularia das inscrições nas lapides nos cemiterios.

Nestes derradeiros tempos, temos tido o cuidado de observar a philosophia dos elogios posthumos, em confusão com manifestações outras, que julgamos produzidas pelo desequilibrio moral da nossa raça e de outras mal formadas e decadentes. O character humano se annuncia bem pela fórma de comportar-se o individuo perante a religiosidade creada pelos seus semelhantes. O homem culto, ainda mesmo que não creia, pelo res-

peito ás crenças alheias, o que é a reciproca do respeito á sua propria crença, acompanha o ritual consagrado com sua assistencia. Não é isto, entretanto, o que se passa nos cemiterios e nas necropoles. Ao lado dos elogios posthumos, apparece uma litteratura chã: ella é o attestado vivo da fraqueza espiritual dos que a praticam.

Temos, com o pensamento de escrever estas linhas, repetido as nossas visitas aos cemiterios desta Capital.

Quantas impressões jocosas teriamos que registrar, si nos tivéssemos dado ao afan da colheita indistincta de inspirações nos diversos tumulos que alli se encontram?!... Entretanto, muito colhemos. Cada phrase, cada verso, do que apanhamos, representa, para nós, uma eloquente pagina de psychologia. Apreciemos a nossa colheita.

Nos trechos, que inscreveram, mesmo a lapis, nas sepulturas de seus amigos e de seus amados, muitos deixaram com uma eloquencia triumphadora, sobresaír a crença na existencia supraterranea. Lemos, pois:

«Mocinha! aceita a minha visita!»

Apprehendemos nessa phrase singela e doce a vontade de correspondencia com o além-tumulo. Mas, a todo o transe querendo corresponder-se com os desaparecidos, lá estava, numa cova do Campo Santo, um cartão postal. Admiravel! Era elle o numero III da collecção — *Le galant jardiner* —, fabricado por STEBBING, de Paris. Impresso, na parte inferior, lia-se esta quadra:

«Soubrette aux yeux bleus, parfois, vage-  
[bond,  
Le Zéphir, sur eux, souffra son haleine.  
De son souffle encore, chaque grappe est  
[pleine!]  
— «Les fleurs du printemps sentent toujours  
[bon!]

A estampa é amorosa: um cavalleiro, descancando sobre uma cacimba, recebe flôres da florista sua enamorada... Assim, escreveram sobre a cabeça dos collucutores: «A' minha idolatrada e chorada comadre Leonor, saudade da comadre Philomena, em...»

De pretensão menos arrojada, porque se limitou á percepção da vida post-mortual, encontrámos innumerous epitaphios.

Um delles, dizia, sem grammatica:

«Rogae a Deus pelos teus paes. Lembraças de Nosinho.»

Num outro se gravou o verso:

«Amigo dedicado: a tua alma pura  
Paira em ponto feliz e mui seguro,  
Emquanto neste mundo vou chorando  
Pelo teu passamento prematuro.»

A lápide de uma cova, no cemiterio da Quinta dos Lazaros, estava nimiamente escripta. Dentre outros pensamentos banaes, detacamos este:

«Si a dôr transformasse o coração em lagrimas, o meu já teria orvalhado a aridez de vossa sepultura.»

Explicam mais o indizível fervor da crença espiritualista as frequentes inscripções, que copiamos das sepulturas rasas daquella mesma necropole. Uma dellas diz:

«Minha mãe! C. N. Lá do Céu, através a immensidade que nos separa, abençoa ao vosso filho Laurindo.»

Ainda, decididamente espiritualistas, achamos no campo santo os seguintes epitaphios:

«Vou para o reino dos cherubins, a... E. R. V., que viu raiar para ella a aurora da vida a... — Da mansão etherea onde estás, manda-me um almo sorriso.»

«A' sua querida Bêbê:

Si pôde a morte impiedosa um dia  
Roubar-te aos braços de teus paes queridos,  
Piedosa, aqui nesta mansão sombria  
Trará de novo todos tres reunidos.»

«Sobre estes restos sempre queridos, sua esposa inconsolavel derramará o mais amargoso pranto. Adeus!»

Dizeres sem compostura, por outro lado tambem são lidos em abundancia. Era, pois, no cemiterio da Quinta dos Lazaros. Na parede branca de uma cova, aberta no sentido do comprimento do corpo, estava a rude *prevenção* em grandes letras de tinta negra:

«Este carneiro só deverá ser aberto em 2 de março de ... por ser este o trato.»

Ainda um outro, mais caracteristico talvez:

«Lembrança eterna de seu esposo e filhos. Carneiro por seis annos. Pedem os ossos.»

Não escasseiam, entretanto, no cemiterio do Campo Santo, esses disticos, apesar de que nelle se desenvolve, evidentemente, uma hygiene espiritual sem comparação, muito superior á de qualquer outra necropole desta capital. Foi num carneiro desse cemiterio que colhemos o seguinte epitaphio:

«Foi victima de impericia medica. Eu, minha filha, meu thesouro! Vivo prezo aos pezares e captivo das minhas maguas—porque a minha ignorancia foi a causa da tua morte.—Teu infeliz pae...»

Ahi está o grito mais forte do amor paternal, levando o consolo de sua dôr para uma accusação á sciencia medica, pelo que se proferiu a sua sentença condemnatoria, numa arremetida insensata, cabida em uma phrase aspera e impiedosa, no propalado «morto por impericia medica». E durante o tempo do aluguel do comodo, em que repouzam os restos da fallecida, a seriedade moral dos tumulos perturbar-se-á com a estranha inscripção, que bem poderia ser definitivamente exacta para ser dita e commentada em outros logares...

Encontrámos, como uma prova da safara litteratura do Campo Santo, num genero que, si não é positivamente comico, é alegre e jovial, num grande

mausoléo de marmore, a *prevenção* que se lê:

«Nós os ossos que aqui estamos  
Pelos vossos esperamos.»

Em jornaes diversos, temos encontrado, não poucas vezes, o registo de epitaphios, o que nos assevera, indirectamente, que se acha, com amplitude, em outros logares, desenvolvido o costume das phrases comicas sobre as lápides dos tumulos. Merecem, por isso mesmo, especial transcripção, os que se seguem:

«Aqui jaz o sr. Barretto... fallecido na idade de 84 annos. Desde o dia do seu fallecimento o céu conta mais um anjo.»

«A sra. M... era um aujo na terra. Imaginem o que será agóra no céu.»

«O menino Mario, que jaz sob esta lousa, falleceu na idade de 2 annos e tres mezes. A sua vida foi uma existencia de abnegação e sacrificio.»

Apezar de trazer-nos a sua veracidade uma grossa dôse de suspeição, não perderemos o ensejo de incluir entre os epitaphios comicos o seguinte, que, lemos num jornal, foi apanhado num cemiterio de Barcelona, onde estava escripto em verso catalão:

«Chamei-me João Vernedo. Sem males de especie alguma, vivi, robusto e alegre, por espaço de 69 annos. Certo dia, adoeci e fui consultar um medico, cujo nome não quero citar. Receitou-me um vomitorio; disse-lhe que não queria tomal-o, respondeu-me que me curaria, tomei-o e no dia seguinte já não existia.»

Aqui inserimos a amostra de um annuncio-epitaphio, em que, sobre a sepultura de sua companheira, um marmorista francez fazia o preconicio de seu officio e de suas officinas:

«Ci git mme. F... femme d'Onésime F..., marbrier. Ce marbre a été élevé por lui comme échantillon de ce qu'il fait et de ce qu'il travaille. Un pareil coûte trois cents francs.»

Sobre o tumulo de um honrado commerciante, finado em S. Paulo, obedecendo ás suas disposições testamentarias e á sua inspiração poetica, um amigo nosso, pessoa de credito e confiança, encontrou a seguinte quadra da lavra do proprio negociante:

«Que te importam os ossos meus,  
O' tu que me estás lendo?  
Emquanto fôres vivendo  
Ri do mundo e teme a Deus!»

Lembrou-nos esse epitaphio os dois seguintes entalhados em sepulturas da Quinta dos Lazaros. Diz o primeiro:

«Já fôstes linda e formosa  
Já fôstes do meu coração...  
Hoje em dia?  
Terra, pó e podridão...»

O segundo, com a sua grammatica:

«Partiste, oh! mãe querida  
Lá para a Eternidade,  
Deixastes seus filhos no mundo  
Trespasados de saudades.»

E mais este, no cemiterio do Campo Santo:

«Pobreanjinhoexilado: era tão feia a vida!.. Não podias manchar as azas num paul; Sentindo a nostalgia intermina do azul Voltaste paro o céu—tua patria perdida.»

Ainda este outro :

«O' minha santa mãe que estás no céu,  
Cheia de graça, rogo a Deus por vós;  
Até quando da morte o mesmo véo  
Cobrir para sempre esta saudade atroz !»

Conjugam-se, exactamente, na sensibilidade do verso e nas incorrecções metricas da poesia e da linguagem, as expressões acima transcriptas. Ponderemos, porém, um pouco sobre a primeira dellas, e encontrar-lhe-emos um fundo philosophico, aliás inconsciente e sem proposito, por certo, e por esse mesmo facto merecedor da assignalção que fazemos. Ha, na verdade, epitaphios e inscripções mortuarias, a que não faltam decididamente a intenção moralistica.

E' o que tambem acontece com este, copiado, *ipsis literis*, de uma cova no cemiterio da Quinta dos Lazaros :

« Morreu de bebida, coitadol Sirva a sua morte de ensinamento ».

Desappareceu, com essa chocante phrase, maxima de hygiene a condemnar o alcoolismo, desappareceu, diziamos, para aquella exclamação, o que se costuma, muito vulgarmente, chamar *piedade christã*. E a doutrina de que todos os peccados se escondem com a morte, deu o seu logar á publica recriminação anti-christã de uma falta, que victimou o infeliz guardado nos sete palmos daquella cova.

No genero *prevenção*, de novo verificamos a existencia das inscripções seguintes ;

« Não se abre este carneiro sem a presença do dono ».

« Pede-se a abertura desta no dia 1º de fevereiro com a presença dos interessados ».

Com outras muitas, no mesmo estylo e no mesmo genero, poderiamos, com o risco de ficar, aliás, demasiadamente longo este nosso estudo, adubar as nossas considerações sobre o que se póde chamar pictorescamente a philosophia dos epitaphios. Vale a pena salientar mais alguns. E' o caso do que se lê abaixo, encontrado na sepultura de um inditoso doutorando de medicina, fallecido prematuramente, escripto, quiçá, por algum adversario rigoroso da sciencia medica, que numa só phrase enunciou todo o seu odio e o seu rancor :

«Morreu sem matar ninguém... não tem penas ! ».

Ha, já hoje, um grande numero de descrentes do poder sanificador da medicina, além do que constitúe a parte cirurgica, desenvolvida por excellencia. Mesmo alguns profissionaes estão entre aquelles. E essa corrente de abandono das curas por intervenção medica, tradúz-se, mas de um

modo rigoroso, na phrase textual que acima reproduzimos.

Genero poetico :

« Morreste deixando os que te amavam  
Neste mundo tão só  
Pois a morte cruel zombou de tudo  
Reduzindo-te a pó...  
Dormes : nossos soluços são pequenos  
Ant'as vistas de Deus,  
Eu, nossos filhinhos cá ficamos  
Na companhia dos meus... »

Generos communs :

«Dorme silencioso o somno da innocencia o interessante... que viu a luz, em... e falleceu em... Saudade eterna de seus paes ».

« Seja feita a vontade de Deus ».

« Deus a escolheu para si, porque ninguém neste mundo era digno de a possuir.— E. de F. Nazareth ».

« Aqui jáz os restos mortaes de F... nascido em... e fallecido em... Paz á sua alma ! ».

« Sepultura perpetua de F... Descansa em paz ! ».

E assim por deante.

Não encerraremos, entretanto, a documentação destas informações, sem o registo do habito de deixarem-se, longamente assignaladas nas paredes dos sepulchros, as visitas de parentes e amigos feitas aos finados. Num tumulto, chegámos a contar cento e trinta e nove visitas, em datas differentes. Aqui estão tres amostras :

« Saudades e lembranças do amº F... na visita feita a este carneiro em 12-5-04 ».

Aqui estive em 6-4-05 e só hoje volto porque estive fóra da terra. — 21-8-05. F... ».

« Visita de sua noiva fiel em 15-6-04, que não cessa de rogar a Deus pela tua alma. F... ».

Em identicas situações, existem outros muitos, indicativos, ao que parece, da crença e propensão de crença no espiritualismo, dando-se capacidade aos mortos ou, melhor, aos seus espiritos, para corresponderem-se com os vivos. Não apreciamos tanto por esse lado o habito de marcarem-se, nos proprios tumulos, as visitas que se lhes fazem. O epitaphio é a ultima prova da vaidade humana; mas as visitas que mencionámos testemunham o servilismo dos vivos, uns aos outros. Os mortos ficam extranhos ás especulações de qualquer ordem, e só os seus sobreviventes dellas pódem tomar conhecimento. E que novidade váe nisso? « Si é certo que, como dissemos alhures, depois da morte, nada espera o homem, como crêem todos os da mais elevada sciencia, ainda é mais certo que de todas as sentimentalidades só a vaidade váe até o tumulo, pois, como se disse, « a ultima vaidade do homem é o epitaphio ».

O respeito aos mortos aprna-se no cadinho da civilisação. O idéal da sciencia moderna, e nem poderia ser outro, é o da cremação dos mortos, por mais higienica, mais pura e menos fetichista. Tal refórma, porém, não se fará sem grande custo. O nosso pro-

testo ella não terá ; antes, muitos e constantes applausos.

Bem como o poeta, que pediu :

« Quando eu morrer,  
Queimem meu corpo, por Deus vos peço,  
Quero fugir á Podridão ! ».

Bahia, 1906.

ALMACHIO DINIZ.

## APANHADOS

*O sello dos jogos olympicos* O governo grego acaba de emittir sellos do correio especiaes para commemorar os jogos olympicos, que se estão realizando, agóra, em maio, em Athenas e que começam uma nova série imaginada pelo patriotismo hellenico. Foi em 1896 que, pela iniciativa do sr. Coubertin, se fizeram os primeiros jogos olympicos «modernos». Novas reuniões realizaram-se, depois, em Paris em 1900, e mais tarde em S. Luiz, em 1904, e devem continuar em 1908, em Roma.

Depois de 10 annos de reflexão, os gregos peusaram que esses torneios imaginados pelos seus antepassados, deviam ser disputados de quatro em quatro annos no paiz em que elles appareceram. E começou então uma série de jogos olympicos, onde, aliás, pódem tomar parte os campeões de todas as nacionalidades.

\* \*

*O bilhar na Nova-Zelandia* O sr. W Bird, inspector das escolas indigenas da Nova-Zelandia, no seu ultimo relatorio, faz um quadro bastante caracteristico dos effeitos do jogo e sobretudo do bilhar entre os *maoris*. Esses indigenas levam o dia inteiro jogando ; nos districtos do norte e no de Hokianga, os meninos estão occupados, unicamente, a qualquer hora do dia e da noite em jogar e construir mezas de bilhar. As escolas ficam vasias e os pequenos que se abalançam a ir ás aulas não se dispõem, de maneira alguma, a trabalhar.

\* \*

*Exposições de arte* A commissão de Bellas- Artes da municipalidade de Paris concedeu o castello de Bagatelle á Sociedade Nacional de Bellas-Artes para ser ali orgauisada, proxivamente, uma exposição retrospectiva das obras dos seus societarios. Serão escolhidos os trabalhos que tiverem menos de dez annos. O pedido para essa concessão foi feito pelo sr. Roll, presidente da Sociedade. A entrada será paga e um terço dos lucros váe ser offerecido á cidade de Pariz.

Do seu lado, o sr. Quentin-Bauchart e diversos dos seus collegas do Con-

selho Municipal daquela cidade teem um projecto, que depende de votação, para o estabelecimento, em Bagatelle, dum parque botânico, duma estação de estudo botânico e de cultura, no genero dos jardins de Kew, nos arredores de Londres. A essa organização das culturas botánicas applicadas á arte trata-se, tambem, de reunir um museu e exposições artisticas das plantas num dos pavilhões do vasto parque.

\* \*

*Um conservatorio da sra. Réjane* Um novo conservatorio váe ser fundado pela sra. Réjane; «Ahi farei, diz a comediante, uma escola de educação artistica integral.» Além do curso de dicção, serão abertos um curso de litteratura dramatica antiga e moderna, um curso de educação artistica moderna e diversos cursos de dança, de esgrima e de elegancia e belleza no palco. Uma commissão escolherá os alumnos que poderão frequentar as aulas; para isso, ha um exame de admissão a que essa commissão preside. No fim do primeiro anno, o alumno que alcançar o premio de honra será admittido a representar no theatro Réjane. Ainda mais: todos os annos, a distincta directora do conservatorio dará duas representações publicas nas quaes os seus alumnos tomarão parte, levando á scena peças dum auctor desconhecido. Os lucros serão divididos entre os alumnos e o auctor.

\* \*

*Os negros nos Estados-Unidos* A população negra dos Estados-Unidos sóbe a nove milhões. Uma escriptora franceza, que a conhece bastante, consagrou-lhe um livro no qual examina todas as questões que com ella se relacionam. Segundo as conclusões da obra, a raça negra não tarda a desaparecer nos Estados-Unidos.

Precisamente o contrario diz um dos membros mais auctorizados da raça preta, o sociologo Tobias; este acredita que a raça branca degenera, tanto no physico como no moral. Os yankees perdem, em plena juventude, os cabellos e os dentes, padecem horriavelmente do estomago e se suicidam e enlouquecem em proporções assustadoras; o mesmo não acontece aos negros, estão sempre fortes, com o espirito absolutamente calmo, sem preocupações que atropellem e prejudiquem.

\* \*

*Alumnos estrangeiros numa universidade franceza* A universidade de Grenoble, na França, está sendo frequentada, este anno, por 636 estudantes estrangeiros, de 19 nacionalidades diversas; os allemães são os mais nu-

merosos, depois chegam os italianos em numero de 88; os russos, que eram 32, no anno passado, são 55 neste inverno! Esse augmento extraordinario dos slavos nas universidades francezas é devido, em parte, ao devotamento da senhorita Ivanof, que occupa as funcções de leitora da lingua russa, nas férias; ella creou, tambem, uma sociedade dos amigos russos da universidade de Grenobler que tem como fim fundar salas de estudo na Faculdade de Lettras, para os alumnos russos.

\* \*

*Um grande caricaturista* Falleceu em Paris, na casa de saúde Dubois, com 78 annos, o celebre photographo Etienne Carjat, que foi tambem um caricaturista bastante apreciado e uma das figuras parisienses mais conhecidas nas artes e nas lettras, no segundo imperio. Nascido em Fareins, no departamento do Sin, em abril de 1828, chegou ainda rapaz a Paris, onde começou a fazer desenhos industriaes, vivendo disto muito tempo.

Depois, em 1854, principiou a gostar de caricatura e a ella se dedicou então com vontade, fazendo-se immediatamente notavel com uma série de figuras comicas, *charges* lithographadas, que obedeciam a um titulo geral: *O theatro na cidade*. Dois annos depois, fundou, com Charles Bataille e Amadée Rolaud, um jornalsinho hebdomadario *Diogenes*, onde continuou com as suas curiosas caricaturas. Todos os homens do seu tempo, mais ou menos celebres, figuraram na revista com todos os seus traços moraes e physicos observados duma maneira muito exacta e com um espirito apurado e fino. Essas caricaturas fôram reproduzidas, mais tarde, nas edições semanaes do *Gaulois* e do *Figaro*. Em 1860, Carjat resolveu ser photographo; o seu *atelier*, onde tiraram retrato todos os homens e mulheres de Paris, de qualquer notoriedade, tornou-se logo celebre e foi distinguido em varias exposições de photographia e na Exposição Universal de 1867.

\* \*

*Livro curioso* Na bibliotheca do Vaticano, ha um tratado sobre dragões, manuscripto, numa tira de pergaminho de cem metros de comprimento por trinta centimetros de largura. Contam, em Roma, que esse pergaminho foi feito curtindo os intestinos dum grande dragão.

\* \*

*Montanha de sal* Em Santo Domingo, em Cuba, a admiração dos *touristes* pára deante de uma coisa extraordinaria: uma enorme monta-

nha de sal, que é a nota curiosa do lugar. Fôrma uma massa crystalina de mais de sete kilometros de largura e que, segundo calculos, contém uns novecentos milhões de toneladas de sal, tão transparente, que se póde ler um jornal de typos de tamanho regular, através dum bloco de 30 centimetros de espessura.

\* \*

*Correios inglezes* Na administração dos correios de Glasgow, pódem-se fechar as cartas sem sellos, pondo-as dentro de outro envoltorio que contenha o dinheiro necessario para a compra de sellos, porque, para isso, ha uma porção de empregados que se dedicam especialmente a recolher o dinheiro e a collocar o sello correspondente no envoltorio da direcção.

\* \*

*A Egreja na Hespanha* Miguel de Unamono, na *Espanña Moderna*, de Madrid, tomando as palavras de Pilatos no Evangelho de S. Lucas: *Que é a verdade?* accuza os theologos de matar a fé e lhes nega, como tambem á propria Egreja, o privilegio exclusivo de depositarios da verdade; a Egreja não sendo, aos seus olhos, sinão uma instituição social e a verdade não podendo existir sinão lá, onde ha a crença de todo o coração e de toda a alma. Esta these, declaradamente ousada na Hespanha, offerece um interesse actual, no momento mesmo em que se observa na peninsula uma evolução social e democratica cada vez mais pronunciada. Unamono lamenta que todas as discussões se reduzam, quasi sempre, a um jogo de palavras e critica a recente *Philosophia elementar*, do arcebispo de Cordova, Zeferino Gonzalez, obra que elle deplora que esteja nas mãos dos estudantes das universidades.

\* \*

*Os «antigos» do Japão* A *North American Review*, de Nova York, publica um artigo do sr. William Elliot Griffis, em que se rende homenagem aos *antigos* do Japão, esses conselheiros intimos do mikado que, com o imperador, encontraram as soluções vitaes do problema japonéz, pensando nas condições reaes do paiz e nos seus recursos. Elles contribuíram para fazer desaparecer o regimen feudal, crear a nova nação e conquistar para a sua patria um lugar de respeito no meio das grandes nações do mundo. Graças a esses seus filhos illustres, o Japão póde, logo depois que foi feita a paz com a Russia, entrar na éra da realização dos grandes e nobres problemas economicos e

políticos. Serão, de accordo com o imperador, os promotores dos esforços que devem pôr em obra a fertilidade do Extremo-Oriente, os seus enormes thezouros, ainda, quasi todos, praticamente intactos e de suas riquezas marítimas e economicas.



O ARTIGO que váe sob estas linhas conta um episodio bem observado dos costumes das Missões Argentinas, muito calumniados — na opinião do nosso distincto patricio, o dr. Antonio Dionysio — por escriptores pouco informados dos costumes daquella região exotica no centro da civilização néo-hespanhola, tão ciosa do seu progresso, apezar de parada sob a influencia dos preconceitos da raça primitiva.

### O BAILE MISSIONEIRO

Ruínas sumptuosas, vestigios da ephemera civilização organizada pelos padres da Companhia de Jesus, marcam esparsas o vasto territorio das Missões.

Quem visita aquelles sitios desolados sente uma funda impressão da decadencia, do abandono da região outr'óra prospera e o aspecto da paisagem plana, morrendo á margem dos grandes rios, onde subsiste ainda a physionomia caracteristica de paiz selvagem, representada nitidamente nos habitantes actuaes, descendentes directos dos guaranys, cujo typo não pôde ser completamente alterado pelos contactos da civilização, pelos cruzamentos, pela intercurrencia de outros elementos ethnicos. Todos elles, no nariz achatado, bocca rasgada, apophyses malares salientes, olhos negros, pernas um tanto arqueadas, cabello erecto, sem a curva graciosa que fórma a sua quédia aos lados da cabeça nos individuos da raça caucasica, se distinguem perfeitamente do estrangeiro adventicio que allí ubiqua, prezo aos interesses da exploração das parcas riquezas do territorio das Missões Argentinas.

Sem a moral ensinada pelos jesuitas num regimen de escravidão, de dominio absoluto, theocratico, os missioneiros de hoje gozam da liberdade que lhe dá a supposta felicidade, mas os lança na mais desbragada dissolução de costumes. A vida de aventura lhes deprimiu o senso moral, favoreceu-lhes o sensualismo primitivo que perdura exaltado em todos os aspectos dos costumes, dominando

sempre ardente através da poesia, das trovas populares e das *vidalitas* mavisas.

Herdaram dos ascendentes auctotones o desprendimento pelo que possúem, negociam com os seus haveres ou os dão generosamente. Em geral, o missioneiro, homem do povo se satisfaz com o seu rancho, alguns utensilios, as armas e a *cuñah*, companhia dedicada da perigrinação pelo sinuoso e triste territorio.

Para amenisarem a rude existencia, entregam-se, ás vezes, aos prolongados bailes até o despontar da madrugada.

Desses bailes se teem occupado muitos escriptores que lhes dão ora côres violentas, pobres e mesquinhas sem lhes realçarem os encantos, terminando ordinariamente pelo desafio dos gaúchos a pucharem as adagas, destripando-se impiedosamente; ora a grandiosa opulencia de bailes hindús nos pagodes brahmanicos.

O sr. Oliveira, cuja phantasia faz rir o argentino, descreve de maneira menos exacta esses bailes, parecendo, ao ler as suas narrativas, que no meio das bombachas e chiripás, se ouve o fru-fru das sedas e o retinir de longos sabres recurvados dos egypcios. Por outro lado, escriptores inglezes, como W. Knight, com o espirito saturado de desprezo, pintam as scenas do interior dos ranchos, os ruidos do sapatear, as cantilenas tristonhas e amorosas, com côres tão pallidas que dão áquelles espectaculos pictorescos o extranho cunho irritante de dansa macabra e desenvolta. E' bem possivel que obedecessem á impressão fallaz de uma observação rapida, na convivencia de momentos com aquella gente exotica.

De uma feita, quando por allí andei, approximei-me á noitinha de um rancho espaçoso e de bôa apparencia; encostei-me a um poste do *aramado* que o cercava e observei o baile para colher delle a idéa precisa. Desejava conhecer por observação pessoal, aquillo que descripções inveridicas me tinham pintado.

Apezar do receio, inspirado pelas noticias, da indole irrequieta e falsa daquella gente que — «pucha por qualquer pretexto a faca ponteaguda e fere o espectador temerario que se

acerca para ver o folguedo», não trepidei em permanecer allí; ainda mais: pulei o *aramado* e da porta do rancho presenciei a dança, acotovelando os bandidos que tanto impressionaram W. Knight.

\*\*

Era perto de Posadas, em pleno verão, quando nesta cidade argentina o thermometro sóbe a 40 gráus. A noite era escura, não convidava para passeios. Saí, entretanto, e atraído pelo rumor do baile, lá fui ter.

Quando me arrimei ao poste do *aramado*, um gaúcho começava a entoar a *vidalita* sentida, fazendo chorar o violão:

Una canastita, vidalita  
Llenita de flôres  
No las desparrames, vidalita  
Que son mis amores.

Revesti-me de coragem. Não: aquelles homens rudes, cujos labios proferiam docemente esses versos, não podiam ter a alma fechada pelo odio, pela fereza brutal.

O baile do gaúcho missioneiro não se assemelha aos *batuques* desenfreados, descriptos por Sarmiento nos *Sertões da Africa*, ao som aspero dos quissanges e marimbas, produzindo infernal barulho.

Adeantei-me, encostei-me ao tosco portal da entrada. Vi gaúchos conhecidos, empregados nas estancias e mulheres que frequentavam o mercado de Posadas, onde íam vender ovos e queijos. Cauzou-me viva surpresa deparar entre ellas uma moça que, dias antes, eu conhecera no pequeno hospital da cidade, com os pulmões atacados por uma caverna tuberculosa perfeitamente caracterizada. Estava corada, muito contente e animada. Um gaúcho moço, de cabellos revoltos e longos, calçando botas de poltro, adornadas de esporas de grandes rosetas polidas, chiripá com *calsonillos* bordados, poncho amarello e lenço igual no pescoço, cingiu-a pela cintura e, em rapido volteio, dansaram ao som do violão gemebundo.

Da turba alegre, irrequieta, destacava-se um velho de tez bronzeada, de cabellos brancos e duros. Era um descendente dos guaranys. Sentado num banco, ria com a bocca escancarada, no enlevo de franca rudez, balbuciando em vóz guttural, referindo-se

á moça, que rodopiava ardente e alegre :

— Cuñatay iporian !... — Moça bonita !...

Lembrava-se do seu tempo, do gozo a que se recuzavam, agóra, as suas pernas enfraquecidas.

Afinal, pararam os violões ; cessou a agitação dos pares, que se sentaram extenuados : as mulheres de um lado, os homens do outro.

O ambiente estava viciado pelas finissimas nuvens de pó, erguidas do sólo pisado e repisado, e condensado no rosto suarento dos bailadores.

Após breve repouso, recomeçou a dança. Os gaúchos erguem-se e, mal podendo andar, já cansados, se dirigem ás *chinas*, tiram-nas para a marca e, par.e passo, levantam-se todos. O violão ressoa ; as *vidalitas* melancolicas se repetem, seguindo-se uma agitação de corpos que se entrechocam compassadamente, num mixto de cantilenas, de tinir de esporas.

De quando em quando, passa rente a mim um gaúcho que não me conhece porque estou embuçado num capóte e váe ver o *caballú*, o inseparavel companheiro que, de orelhas caídas, dormindo em pé, espera o dono amigo. O cavallo para aquelles homens é o mesmo pelludo ginete da Russia para o cossaco : vive um para o outro.

E' muito frequente, aos domingos, irem os gaúchos, qual melhor montado em ardegos parelhinhos, ás *carreiras*. E' geralmente em pleno campo, entre duas alas de espectadores que se realiza o palpitante *match* daquelles homens que nasceram, por assim dizer, sobre o arção. Correm em pello, com lenços multicolores atados á cabeça ; marcam a méta e ao longo da pista improvisada, postam-se os juizes. Dado o signal da partida por um tiro de garrucha, partem os cavalleiros numa corrida desapoderada e veloz que cauza ancia. Disputam a victoria no alarido de gritos selvagens animando o cavallo querido que parece comprehendel-os no esforço para a conquista do premio.

O pó vermelho do sólo missioneiro ergue-se espesso, dando fórmphas phantasticas indecisas aquelles homens, collados ao dorso dos animaes, verdadeiros centauros, que passam como sombras, estimulando-se aos gritos — hep!... hep!... hep!... e flagel-

lando fortemente as montarias. Ao vencerem, saltam do fiel bucephalo e o beijam inundado de suor, as narinas dilatadas, bofejando, resfolegante de fadiga.

\* \*

O baile diminuia de ardor á medida que a noite avançava. Os pares, aparentemente incansaveis, iam-se quedando, aos poucos, sentados. A tuberculosa, porém, essa continuava sempre animada, arrancando exclamações de pasmo pela resistencia. Não perdera uma só marca. No fervor do entusiasmo pela dança, deixava, ás vezes, escapar a tosse fatidica, mal reprimida no peito arquejante.

Aquella creatura, que breve seria sepultada no sólo argiloso de Missões, como que se despedia da vida, empregando esforços sobrehumanos para dissimular a molestia que lhe minava o peito. Via-se no seu olhar quente, nos requebros do seu corpo esguio, no sorriso provocador, a ancia de inspirar amor ao gaúcho, capaz de sustentar um touro no laço.

.....

Tempos depois, em visita á enfermaria do hospital, disseram-me que ella tinha succumbido exangue, victimada por terrivel hemoptyse. Vi-lhe o cadaver e recordei-me do ardor com que ella, em vida, bailava incansavel, ao som dos violões, incitando o par, com os olhos chammejantes, as faces rosadas, rindo alegre, na inconsciencia do proximo aniquillamento.

\* \*

Assim vive o missioneiro, buscando amenizar a vida dos poteiros, dos campos ingratos, quasi estereis.

Ao retirar-me, o rapaz que eu vira dansando, seduzido pela illusão da belleza daquella misera moça attingida pela fatal molestia, tocava o violão e cantava :

Quisiera ser aire. Vidalita  
Quando tu suspiras ;  
Lagrimas, si lloras. Vidalita  
Luz, quando me miras.

\* \*

E suavemente, num esmorecimento saciado, melancolico, terminou o baile que a prodiga imaginação de certos escriptores pinta como terriveis espectaculos barbaros, sangrentos, especie

de pretexto para a crueza nativa, no qual, cada gaúcho, ao entrar, deveria despedir-se da vida.

ANTONIO DYONISIO.



## A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

Entende-se erroneamente entre nós — civis e militares — que á medida da elevação dos individuos na hierarchia, com a natural ampliação de umas tantas regalias, lhes fica tambem reservado o direito de se mostrarem mais commodistas, mais interessados na conservação do seu *eu*.

Assim, firmados nas prerogativas amplas da sua posição, é raro apparecerem nas constantes reuniões de força nesta capital, os generaes á frente das unidades correspondentes á sua graduação.

Na generalidade dos casos, o commando da brigada é dado ao coronel mais antigo; o da divisão, ao general de brigada, e, acompanhando o movimento de cima, os coroneis passam o commando dos seus corpos aos majores, os majores aos capitães e assim por deante.

Quando a formatura assume condições excepcionaes — commemoração de uma grande data nacional ou acontecimento importante, funeral de um grande morto — mal se imaginam os esforços da repartição do estado-maior para chamar os generaes aos seus postos.

Uns, a pretexto de molestia; outros, por molestia chronica; outros ainda, porque presagiam chuvas ou forte calor no dia annunciado, ou, por simples questões de familia, como, por exemplo, passeio projectado para o mesmo dia; e, finalmente, por esse rosario interminavel e fertil de tantas coisas semelhantes, de futil ponderação — esquivam-se, a pés juntos, a essas massadas e no dia da formatura, em vez de cinco ou seis como exigiria o quadro da força, apresentam-se uns dois ou tres mais convencidos.

Nestes ultimos dias, houve diversos exercicios de guerra entre varias fracções da guarnição desta capital, fracções aliás sufficientes para serem dirigidas por generaes; no entretanto, esses exercicios teem passado sem a sua presença e direcção immediata, talvez por desnecessarias, ou então, o que é mais provavel, pelas difficuldades intransponiveis de se encontrar algum que deixe com facilidade a indolencia inalteravel da sua pacata vida.

De todo esse desprezo, parece se concluir, pelo menos assim pensarão os leigos — que a presença de qualquer general á frente de forças armadas se

justifica apenas por considerações de ornamentação: a sua função, o seu papel nenhum fundamento encontrou nas regiões táticas e estratégicas da organização militar.

As grandes manobras annuaes, tão bem iniciadas neste districto, e estendidas, como convém, aos demais centros de reunião de forças, virão indubitavelmente modificar bastante esse alheamento das altas patentes pelas suas funções.

E' claro que o constante exercicio do commando, a obrigação de desenvolver a actividade, a incitação ao estudo, o receio da critica seria, mas impiedosa, constringerá os que nada sabem a se dedicarem á sua profissão. E os que nunca puderem melhorar, pela sua innata incapacidade, por inveterada preguiça e descrença, serão espontaneamente forçados, taes as continuas provas de sua incompetencia, a deixar tão espinhosos cargos aos que mais folgadoamente se acharem em condições de desempenhal-as a contento.

As primeiras tentativas de uma selecção serão improficuas pela inefficacia e imperfeição das manobras inicias que, só á força do tempo, á força do habito, se irão desfazendo das funestas influencias do passado para produzirem resultados efficazes.

Esses exercicios geraes só são proficuos quando realisados com o máximo criterio, quando conduzidos por direcção competente afim de não se erigirem os erros em exemplos de emprego util na lucta real.

Para isso, é egualmente necessario que ao fim de cada exercicio parcial, ao cabo das manobras geraes — cada general reúna os seus officiaes e estes os seus soldados—para fazerem a critica completa, imparcial e severa dos actos e procedimento de cada um; salientar os bons, applaudindo-os; corrigir os erros, apontal-os sem reservas para evitar a sua reproducção, creando vicios e erroneos methodos e processos, que funestamente repercutirão no momento da guerra.

Tudo isto, é certo, exige muito amor ao trabalho, muito estudo, perfeito conhecimento dos deveres de cada um, muita massada, emfim, que é compensada largamente pela convicção que em todos fica de se collocarem na altura do sacrificio que faz o paiz para mantel-os.

O que fôr comprehendido de maneira opposta, nada produzirá de aproveitavel á commuidade.

\* \* \*

Antes de finalizar o presente artigo, seja-nos permittido exprimir o nosso vivo contentamento pelas palavras do sr. presidente da Republica em sua ultima mensagem de abertura do Con-

gresso Nacional, principalmente na parte referente aos negocios da guerra.

A clarividencia, a desusada actividade e alta competencia denunciadas e postas em pratica por s. ex. no curto, mas fecundo, periodo de tres annos de governo, attestados eloquentemente pelo estudo de franca prosperidade em que se acha o paiz sob todos os aspectos—garante-nos a lisongeira esperanza de que as forças armadas terão as primicias de uma nova era de progresso real antes da sua retirada do elevado posto que dignamente occupa.

O exercito, certamente, nesse anno, cantará a sua victoria contra o bando de rotineiros entravadores da sua marcha progressista, reorganizando-se sob bases mais consentaneas com os adeantamentos da arte da guerra moderna.

TENENTE MAX.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O PRIMO BAZILIO

Desta seccção, num. 73 dos *Annaes*, se deu a publico, com muitos applausos dos curiosos, um artigo de critica infensa ao *Primo Bazilio*, firmado por Eleazar, antigo pseudonymo de um nosso grande escriptor vivo, o mestre humorista de tantos romances, collaborador assiduo do *Cruzeiro*, desta Capital, em 1878.

Esse artigo provocou duas respostas excellentes que nós publicámos nos num. 76 e 78 para que se pudesse bem ajuizar da seguinte magnifica replica de Eleazar, inserta naquella jornal, de 30 de abril daquelle anno.

Ha quinze dias, escrevi nestas columnas uma apreciação critica do segundo romance do sr. Eça de Queiroz, *O Primo Bazilio*, e dahi para cá appareceram dois artigos em resposta ao meu (1), e porventura algum mais em defeza do romance. Parece que a certa porção de leitores desagradou a severidade da critica. Não admira; nem a severidade está muito nos habitos da terra; nem a doutrina realista é tão nova que não conte já, entre nós, mais de um férvido religionario. Criticar o livro, era muito; refutar a doutrina, era demais. Urgia, portanto, destruir as objecções e aquietar os animos assustados; foi o que se pretendeu fazer e foi o que se não fez.

Pêla minha parte, podia dispensar-me de voltar ao assumpto. Volto, (e pela ultima vez) porque assim o merece a cortezia dos meus contendores; e outrosim, porque não fui entendido em uma das minhas objecções.

E antes de ir adiante, convém rectificar um ponto. Um dos meus contendores accuza-me de nada achar bom no *Primo Bazilio*. Não edvertiu que, além de proclamar o talento do auctor (seria pueril negar-lh'o) e de lhe reconhecer o dom da observação, notei o esméro de algumas paginas e a perfeição de um dos seus caracteres. Não me parece que isto seja negar tudo a um livro, e a um segundo livro. Disse commigo: — Este homem tem faculdades de artista, dispõe de um estylo de boa tempera, tem observação; mas o seu livro traz defeitos que me parecem graves, uns de concepção, outros da escola em que o auctor é alumno, e onde aspira a tornar-se mestre; digamos-lhe isto mesmo, com a clareza e franqueza a que teem jús os espiritos de certa esphera. — E foi o que fiz, preferindo ás generalidades do diletantismo litterario, a analyse sincera e a reflexão paciente e longa. Censurei e louvei, crendo haver assim provado duas coisas: a lealdade da minha critica e a sinceridade da minha admiração.

Venhamos agora á concepção do sr. Eça de Queiroz, e tomemos a liberdade de mostrar aos seus defensores como se deve ler e entender uma objecção. Tendo eu dito que, si não houvesse o estravio das cartas, ou si Juliana fôsse mulher de outra indole, acabava o romance em meio, porque Bazilio, enfastiado, segue para a França, Jorge volta do Alemtejo, e os dois esposos tornariam á vida antiga, replicam-me os meus contendores de um modo, na verdade, singular. Um achou a objecção futil e até comica; outro evocou os manes de Judas Machabeu, de Antiocho, e do elephante de Antiocho. Sobre o elephante foi construida uma série de hypotheses destinadas a provar a futilidade do meu argumento. Porque Herculano fez Eurico um presbytero? Si Hergemgarda tem casado com o gardingo logo no começo, haveria romance? Si o sr. Eça de Queiroz não houvesse escripto o *Primo Bazilio*, estariamos agora a analyzal-o? Taes são as hypotheses, as perguntas, as deducções do meu argumento; e foi-me precisa toda a confiança que tenho na boa fé dos defensores do livro, para não suppôr que estavam a mofar de mim e do publico.

Que me não entendessem, vá ; não era um desastre irreparavel. Mas uma vez que me não entendiam, podiam lançar mão de um destes dois meios : reler-me ou calar. Preferiram attribuir-me um argumento de simplorio ; involuntariamente, creio ; mas, em summa, não me attribuíram outra coisa. Releiam-me ; lá verão que, depois de analyzar o character de Luiza, de mostrar que ella cáe sem repulsa nem vontade, que nenhum amor nem odio a abala, que o adulterio é alli uma simples aventura passageira, chego á conclusão de que, com taes characteres como Luiza e Bazilio, uma vez separados os dois, e regressando o marido, não ha meio de continuar o romance, porque os heróes e a acção não dão mais nada de si, e o erro de Luiza seria um simples parenthesis no periodo conjugal. Voltariam todos ao primeiro capitulo : Luiza tornava a pegar no *Diario de Noticias*, naquella sala de jantar tão bem descripta pelo auctor ; Jorge ia escrever os seus relatorios : os frequentadores da casa continuariam a ir alli encher os serões. Que acontecimento, logicamente deduzido da situação moral dos personagens, podia vir continuar uma acção extincta ? Evidentemente nenhum. Remorsos ? Não ha probabilidade dell'es ; porque, ao annunciar-se a volta do marido, Luiza, não obstante o extravio das cartas, esquece todas as inquietações, «sob uma sensação e desejo, que a inunda». Tirae o extravio das cartas, a casa de Jorge passa a ser uma nesga do *paraiso* ; sem essa circumstancia, inteiramente casual, acabaria o romance. Ora, a substituição do principal pelo accessorio, a acção transplantada dos characteres e dos sentimentos para o incidente, para o fortuito, eis o que me pareceu incongruente e contrario ás leis da arte. Tal foi a minha objecção. Si algum dos meus contendores chegar a demonstrar que a objecção não é seria terá commettido uma acção extraordinaria. Até lá, ser-me-á licito conservar uma pontasinha de scepticismo.

Que o sr. Eça de Queiroz podia lançar mão do extravio das cartas, não serei eu que o conteste ; era seu direito. No modo de exercer é que a critica lhe toma contas. O lenço de Desdemona tem larga parte na sua morte ; mas a alma ciosa e ardente de Othello,

a perfidia de Iago e a innocencia de Desdemona, eis os elementos principaes da acção. O drama existe, porque está nos characteres, nas paixões, na situação moral das personagens: o accessorio não domina o absoluto ; é como a rima de Boileau : *il ne doit qu'obéir*. Extraviam-se as cartas ; faça uzo dellas Juliana : é um episodio como qualquer outro. Mas o que, a meu ver, constitúe o defeito da concepção do sr. Eça de Queiroz, é que a acção, já despida de todo o interesse moral, adquire um interesse anecdótico, um interesse de curiosidade. Luiza resgatará as cartas ? Eis o problema que o leitor tem deante de si. A vida, os cuidados, os pensamentos da heroína não teem outro objecto, si não esse. Ha uma occasião em que, não sabendo onde ir buscar o dinheiro necessario ao resgate, Luiza compra umas cautelas de loteria ; sae branco. Supponhamos (ainda uma supposição !) que o numero saía premiado ; as cartas eram entregues ; e, visto que Luiza não tem mais do que medo, se lhe restabelecia a paz de espirito, e com ella a paz domestica. Indicar a possibilidade desta conclusão é patentear o valor da minha critica.

Nem seria para admirar o desenlace pela loteria, porque a loteria tem influencia decisiva em certo momento da aventura. Um dia, arrufada com o amante, Luiza fica incerta si irá vel-o ou não ; atira ao ar uma moeda de cinco tostões ; era cunho: devia ir e foi. Esses traços de character é que me levaram a dizer, quando a comparei com a Eugenia, de Balzac, que nenhuma semelhança havia entre as duas, porque esta tinha uma forte accentuação moral, e aquella não passava de um *titere*. Parece que a designação destoou no espirito dos meus contendores, e houve esforço commum para demonstrar que a designação era uma calumnia ou uma superfluidade. Disseram-me que, si Luiza era um *titere*, não podia ter musculos e nervos, como não podia ter medo porque os *titeres* não teem medo.

Suppondo que este trocadilho de idéas veio sómente para desfadar o estylo, me abstenho de o considerar mais tempo ; mas não irei adiante sem convidar os defensores a todo o transe a que releiam, com pausa, o livro do sr. Eça de Queiroz : é o melhor me-

thodo quando se procura penetrar a verdade de uma concepção. Não direi, com Buffon, que o genio é a paciencia ; mas creio poder affirmar que a paciencia é a metade da sagacidade ; ao menos, na critica.

Nem basta ler ; é preciso comparar, deduzir, aferir a verdade do auctor. Assim é que, estando Jorge de regresso e extincta a aventura do primo, Luiza cerca o marido de todos os cuidados, — «cuidados de mãe e impetos de concubina». Que nos diz o auctor nessa pagina ? Que Luiza se envergonhava um pouco da maneira «por que amava o marido ; sentia vagamente que naquella violencia amorosa havia pouca dignidade conjugal. Parecia-lhe que tinha apenas um *capricho*.

Que horror ! Um capricho por um marido ! Que lhe importaria de resto ? Aquillo fazia-a feliz.» Não ha absolutamente nenhum meio de attribuir a Luiza esse escrupulo de dignidade conjugal ; está alli porque o auctor nol-o diz ; mas não basta ; toda a composição do character de Luiza é antinómica com semelhante sentimento. A mesma coisa diria dos remorsos que o auctor lhe attribúe, si elle não tivesse o cuidado de os definir (pag. 440). Os remorsos de Luiza, permittame dizel-o, não é a vergonha da consciencia, é a vergonha dos sentidos ; ou, como diz o auctor : «um gosto infeliz em cada beijo.» Medo, sim ; o que ella tem é medo ; disse-o eu, e dil-o ella propria : «Que feliz seria, se não fôsse a infame !»

Sobre a linguagem, allusões, episodios, e outras partes do livro, notadas por mim, como menos proprias do decoro litterario, um dos contendores confessa que os acha excessivos, e podiam ser eliminados, ao passo que outro os acceita e justifica, citando em defeza o exemplo de Salomão na poesia do *Cantico dos Canticos*,

On ne s'attendait guère  
A voir la Bible en cette affaire ;

e menos ainda se podia esperar o que nos diz do livro biblico. Ou recebeis o livro, como deve fazer um catholico, isto é, em seu sentido mystico e superior, e em tal caso não podeis chamar-lhe erotico ; ou só o recebeis no sentido litterario, e então nem é poesia, nem é de Salomão ; é drama e de auctor anonymo. Ainda, porém, que o acceiteis como um simples producto litte-

rario, o exemplo não serve de nada. Nem era preciso ir á Palestina. Tinha a *Sysistrata*; e si a *Lysistrata* parecesse obscena de mais, podeis argumentar com algumas phrases de Shakespeare e certas locuções de Gil Vicente e de Camões. Mas o argumento, si tivesse differente origem, não teria differente valor. Em relação a Shakespeare, que importam algumas phrases obscenas, em uma ou outra pagina, si a explicação de muitas dellas, está no tempo, e si a respeito de todas nada ha systematico? Elimináe-as ou modificáe-as, nada tirareis ao creador das mais castas figuras do theatro, ao pae de Imogene, de Miranda, de Viola, de Ophelia, eternas figuras, sobre as quaes não de repouzar eternamente os olhos dos homens. Demais, seria mal cabido invocar o patrão do romantismo para defender os excessos do realismo.

Gil Vicente uza locuções que ninguém hoje escreveria, e menos ainda faria repetir no theatro; e não obstante as comedias desse grande engenho eram representadas na côrte de d. Manuel e d. João III. Camões, em suas comedias, tambem deixou palavras hoje condemnadas. Qualquer dos velhos chronistas portuguezes emprega, por exemplo, o verbo proprio, quando trata do acto, que hoje designamos com a expressão *dar á luz*; o verbo era então polido; tempo virá em que *dar á luz* seja substituida por outra expressão; e nenhum jornal, nenhum theatro a imprimirá ou declamará como fazemos hoje. A razão disto, si não fôsse obvia, podiamos apadrinhar-a com Macaulay: é que ha termos delicados num seculo e grosseiros no seculo seguinte. Accrescentarei que noutros casos a razão pôde ser simplesmente tolerancia do gosto.

Que ha, pois, commum entre exemplos dessa ordem e a escola de que tratamos? Em que pôde um drama de Israel, uma comedia de Athenas, uma locução de Shakespeare ou de Gil Vicente justificar a obscenidade systematica do realismo? Differente coisa é a indecencia relativa de uma locução, e a constancia de um systema que, usando aliás de relativa decencia nas palavras, accumula e mescla toda a sorte de idéas e sensações lascivas; que, no desenho e colorido de uma

mulher, por exemplo, vá direito ás indicações sensuaes.

Não peço, de certo, os estafados retratos do romantismo decadente; pelo contrario, alguma coisa ha no realismo que pôde ser colhido em proveito da imaginação e da arte. Mas sair de um excesso para cair em outro, não é regenerar nada: é trocar o agente da corrupção.

Um dos meus contendores persuade-se que o livro podia ser expurgado de alguns traços mais grossos; persuasão, que no primeiro artigo disse eu que era illusoria, e porque. Ha quem vá adiante e creia que, não obstante as partes condemnadas, o livro tem um grande effeito moral. Essa persuasão não é menos illusoria que a primeira; a impressão moral de um livro não se faz por syllogismo, e si assim fôsse, já ficou dito tambem no outro artigo qual era a conclusão deste. Si eu tivesse de julgar o livro pelo lado da influencia moral, diria que, qualquer que seja o ensinamento, si algum tem, qualquer que seja a extensão da catastrophe, uma e outra coisa são inteiramente destruidas pela viva pintura dos factos viciosos: essa pintura, esse aroma de alcova, essa descripção minuciosa, quasi technica, das relações adulteras, eis o mal. A castidade inadvertida que ler o livro chegará á ultima pagina, sem fechal-o, e tornará atrás para reler outras.

Mas não trato disso agóra; não posso sequer tratar mais nada; fogue-me o espaço. Resta concluir, e concluir aconselhando aos jovens talentos de ambas as terras da nossa lingua, que não se deixem seduzir por uma doutrina caduca, embóra no verdor dos annos. Este messianismo litterario não tem a força da universalidade nem da vitalidade; tráz consigo a decrepitude. Inflúe, de certo, em bom sentido e até certo ponto, não para substituir as doutrinas acceitas, mas corrigir o excesso de sua applicação. Nada mais. Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo; assim não sacrificassemos a verdade esthetica.

Um dos meus contendores louva o livro do sr. Eça de Queiroz, por dizer a verdade, e attribue a algum hypocrita a maxima de que nem todas as verdades se dizem. Vejo que confunde

a arte com a moral; vejo mais que se combate a si proprio. Si todas as verdades se dizem, porque excluir algumas?

Ora, o realismo dos srs. Zola e Eça de Queiroz, apesar de tudo, ainda não esgotou todos os aspectos da realidade. Ha actos intimos e infimos, vicios occultos, secreções sociaes que não pôdem ser preteridas nessa exposição de todas as coisas. Si são naturaes para que escondel-os? Occorre-me que a Voltaire, cuja eterna mofa é a consolação do bom senso, (quando não transcende o humano limite), a Voltaire se attribue uma resposta, da qual apenas citarei metade: *Très naturel aussi, mais je porte des culottes.*

Quanto ao sr. Eça de Queiroz e aos seus amigos deste lado do Atlantico, repetirei que o auctor do *Primo Babilio* tem em mim um admirador de seus talentos, adversario de suas doutrinas, desejoso de o ver applicar, por modo differente, as fortes qualidades que possui; que, si admiro tambem muitos dotes do seu estylo, faço restricções á linguagem; que o seu dom de observação, aliás pujante, é complacente em demasia; sobretudo, é exterior, é superficial. O fervor dos amigos pôde extranhar este modo de sentir e a franqueza de o dizer. Mas então o que seria a critica?

ELEAZAR.

(1) S. SARAIVA, (*Gazeta de Noticias* de 20 de abril); AMENOPHIS-EFFENDI, (*Idem*, 24).

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Um acampamento prehistorico—Pegadas humanas de milhares de annos — O pithecauthropus — As observações.*

Nos arredores de Warrnambool, pequeno porto do Estado da Victoria, na Australia, se encontraram, num bloco de gres, marcas de pegadas humanas de epocha muito remota. Essas pegadas fôram submettidas em molde ao exame do sabio paleontologista allemão Klaatsch, da Universidade de Heidelberg, o qual verificou nella vestigios prehistoricos.

Para affirmar essa hypothese, o grande cientista foi a Warrnambool, e acaba de publicar o resultado de suas investigações. Considera elle que houve, em epocha remontando a milhares de annos, formações de gres que constituiram o terreno de acampamento de raças prehistoricas da Australia que, com a Tasmania, fazia

parte do grande continente antarctico dilatado até o Oceano Indico, ligando a Australia á Asia e Africa.

O dr. Klaatsch descobriu no mesmo logar, vestigios de uma grande ave de especie extincta.

Quanto ás pegadas humanas, elle as filia ás observações feitas em craneos humanos, conservados no museu de Warrnambool e não está longe de admittir a existencia prehistorica, do *pithecauthropus* na Australia.

\*\*

*A idade da Terra conforme os physicos, astrónomos e geologos — Calculos derivados da descoberta da radio-actividade da materia—Os dados precisos.*

A sciencia obteve o anno passado o mais assignalado triumpho no campo da geologia, determinando sobre bases precisas a enorme idade da Terra.

A recente descoberta da radio-actividade da materia deu grande desenvolvimento á concepção do mundo e influíu extraordinariamente sobre o estudo do nosso planeta, dando á geologia novas armas, abrindo-lhe novos horisontes. Quanto á idade da Terra, mathematicos, physicos, astrónomos estão de accordo, acceitando os algarismos fixados pelos geologos.

Ha um seculo, William Smith descobriu a chave de uma escala geologica do tempo de formação das rochas e dahi data o nascimento da geologia moderna. O primoroso espirito de Lyell consumiu um quarto de seculo para pôr em pratica a idéa, chegando a um passado muito mais remoto do que o deduzido dos livros sagrados, especialmente da Biblia. De 6.000 annos os calculos dos geologos subiram a 100.000 e deste algarismo a 50 milhões de annos para as rochas stratificadas.

Isto suscitou uma forte controversia entre a sciencia e a religião; mas, afinal, sabios e padres chegaram a um accordo pratico.

Os dados para o calculo da idade geologica são de duas especies: uma, physica e astronomica; outras, de caracter puramente geologico, creando duas escolas que chegaram a conclusões divergentes. Os physicos limitavam a idade da Terra a 20 milhões de annos; os geologos chegavam a 100 milhões.

Como conciliar essa enorme discrepancia? A resposta dos physicos a essa questão é um dos maiores triumphos da sciencia moderna.

Na sua mensagem como presidente da Associação, para o desenvolvimento das sciencias, o professor Harkness comprova o methodo de trabalho dos physicos e dos geologos. «Com os dados mais precisos — disse elle — os

methodos de astronomia attingem os mais exactos resultados. A mathematica é um moinho que tritura excessivamente fino, mas o seu producto depende, totalmente, da materia prima moída. Si os dados são incertos, como succede em todos os problemas cosmologicos, ha pouca a escolher entre a mathematica dos astrónomos e as hypotheses dos geologos.» Ambas as deducções são questões de logica e as conclusões pôdem ser igualmente acceitaveis.

O geologo computa o tempo geologico por meio de methodos independentes. Um dos mais importantes meios de calculos dessa ordem é a consideração da espessura total das rochas stratificadas; a proporção da accumulção sendo derivada do modo por que se operam actualmente os depositos nas margens oceanicas dos continentes. Outros calculos são baseados na proporção das erosões durante um certo periodo geologico, como desde o fim do ultimo periodo glacial. Mas os methodos, puramente physicos ou astronomicos, contrastam com aquella maneira de deducção. O calculo do resfriamento da Terra ou a força com que o seu calor irradia no espaço, são susceptiveis de expressão mathematica. A influencia da fricção das marés fórma outra base do calculo. A terceira consideração é a proporção com que o sol expede o calor.

Desses calculos empregados por varios scintistas resultavam para o periodo archeosoico 23 milhões de annos, para o proteagorico, 38; para o paleozoico, 28; para o mezoico, 8; para o cenozoico, 3; dando o total de 150 milhões de annos.

Conforme dados physicos e astronomicos, o calculo do tempo decorrido desde a stratificação das rochas, é de 10 a 20 milhões de annos. Lord Kelvin e Clarence King dão esses algarismos como seus resultados definitivos. Tait concorda sómente com o primeiro calculo; George Darwin, tomando em consideração o retardamento da rotação da Terra pela fricção das marés, concluiu que cerca de 50 milhões de annos tinham decorrido da epocha da separação da Lua da Terra.

Desde a maravilhosa descoberta do radium, algumas das nossas idéas concernentes ao aspecto cosmico da Terra, soffreram alterações revolucionarias.

Nenhuma concepção experimentou evolução mais fundamental do que a operada na doutrina do resfriamento do Globo, a qual fôra permanente preocupação dos physicos — a Terra, um globo que se resfriava e que se aquecia por si mesmo. — Ninguem contestava essa verdade, até que a descoberta da radio-actividade transformou tudo — methodos, doutrinas,

conclusões, com os maiores fóros de authenticidade e certeza.

Quanto á idade da Terra, os physicos agóra, não sómente admittem que os seus ultimos calculos de 10 a 20 milhões de annos são exiguos, como propendem a acceitar os mais avantajados calculos dos geologos.

George Darwin affirma, relativamente á evolução historica da Terra, que não é excessivo suppor que 500.000 a 100 milhões de annos tenham decorrido desde o nascimento da Lua.

\*\*

*Agua iodada como antiseptico. — Seu emprego na cirurgia. — O que, recentemente, preconiza um illustre professor italiano. — As suas investigações.*

O iodo é um dos melhores agentes antisepticos, empregado em cirurgia, desde o dia da sua descoberta.

Em solução alcoolica, sob a fórma de tintura, a sua applicação é muito dolorosa, irritante, de maneira que não é possivel empregal-o numa ferida, sinão em circumstancias especiaes.

Para attenuar os effeitos irritantes do alcool e do iodo, é este empregado dissolvido n'agua, adicionando-se-lhe iodoreto de potassa. A solução se emprega assim sem dôr.

Um cirurgião italiano preconiza a agua iodada como antiseptico, não só sobre feridas recentes como no curso das operações, servindo-se de agua iodada pura, sem addições, preparada no momento do emprego. Elevado a uma temperatura de 55 a 60° elle constitúe um dos melhores desinfectantes conhecidos. Nessa temperatura de 55°, a agua dissolve cerca de 1/2 % (0,65) de iodo, proporção sufficiente para destruir todos os germens morbidos, sem irritar as feridas recentes. Permanece, todavia, como condição essencial de successo empregar soluções frescas, feitas no momento.

## A LIVRARIA

«O ALLEMANISMO NO BRAZIL», POR SYLVIO ROMÉRO. — RIO DE JANEIRO.

O auctor destas linhas foi dos que receberam, sinão encomiasticamente, ao menos com a mais accentuada sympathia um livro que appareceu o anno passado, *A America Latina*, do dr. Manoel Bomfim.

O illustre sr. Sylvio Roméro, fazendo a critica da obra em questão, por estas mesmas columnas dos *Annaes*, maltratou energicamente, chamando-os de ignorantes e não sei mais que, quantos receberam esse livro.

Não tenho a vantagem de pertencer

a nenhum *clan* litterario, e fôram os que constituem as eternas rodas de elogio mutuo, a que o mestre julga pertencer o dr. Bomfim, que elle principalmente vizou.

Não importa para o caso, no entanto, que o famoso critico me houvesse alvejado ou não num dos seus impetos habituaes de homem em quem não está falar nunca desapaixonadamente do que quer que seja.

Não importa porque o que eu quero dizer aqui, a proposito da questão, é apenas que o *Allemanismo no Brazil*, um opusculo publicado agóra pelo sr. Sylvio Roméro, merece-me a mesma sympathia com que recebi *A America Latina*, do seu distincto comprovinciano.

São trabalhos estes dos mais indispensaveis entre nós no momento actual. E' preciso que o Brazil inteiro se convença de que a epocha dos expedientes passou; que, ou trabalhamos, de verdade, e nos mostramos capazes, sem mais delongas, ou então inevitavelmente succumbimos, por um modo ou outro. Esta, tudo faz suppôr, vá ser a epocha mais decisiva dos nossos destinos como nação entre quantas temos atravessado até aqui.

O *Allemanismo no Brazil* representa um trabalho de primeira ordem especialmente deste ponto de vista: quem o tenha lido não pôde mais duvidar que haja um plano assentado da constituição de uma Allemanha Antarctica nas mais bem situadas das nossas terras do sul.

Filho de um Estado comprehendido nessa zona, tenho acompanhado um pouco a vida das colonias que na Allemanha se espera sejam a cellula central da expansão futura.

E' minha convicção que por emquanto se trata de homens cujos intuitos não pôdem ser mais pacificos e beneficos, geralmente falando. Quem quizer conhecer escola de trabalho productivo e honesto vá se encontrar com os nossos hospedes germanicos que o sul teve a felicidade de ir recebendo desde que suas terras fôram se tornando mais bem conhecidas na Europa.

Ha, entre nós, filhos de allemães que mal comprehendem o idioma paterno, casados na sociedade brasileira, sem nenhuma preocupação pela Allemanha, tão bons brasileiros como quem, dentre nós, melhor o seja. Não conheço descendente das actuaes superiores raças europeas mais despreconceituosos em relação á sua patria de origem do que esses filhos de allemães nascidos aqui no Brazil.

Não é sómente lá para o sul que se pôde ter occasião de verificar esse factio. Aqui mesmo no Rio de Janeiro, e alli perto, em Petropolis e Theresopolis, ha um bom numero desses nos-

sos patricios em quem se nota exactamente a mesma coisa.

Eu visinho com uma familia de origem allemã, pelo lado materno. A dona da casa, que já nasceu no Brazil, ainda tem mãe viva, vinda em creança das margens do Rheno. A respeitavel senhora não esqueceu a lingua patria; a filha fala mal, mas ainda fala e entende o allemão: seus filhos, porém, não sabem uma palavra sequer do rico e formoso idioma.

Isso em referencia aos netos e filhos de allemães. Mas é preciso dizel-o, e o sr. Sylvio Roméro não desconhece o caso: trata-se de netos e filhos de allemães nascidos em cidade, e ainda assim em cidades onde o elemento predominante não seja o allemão. Nas colonias propriamente ditas, porém, e nas cidades em que elles são os individuos de mais importancia local, ao menos pela fortuna, ali as coisas se encontram diferentes.

Ha localidades em Santa Catharina onde os colonos e algumas vezes os filhos de colonos allemães não aprendem o portuguez porque não precisam. Pôdem passar a vida inteira no Brazil, si não saírem de suas localidades, conhecendo apenas um reduzidissimo numero de vocabulos nossos, como, por exemplo, o que é indispensavel saber dos idiomas indigenas falados no Senegal a um francez que vá residir naquella sua colonia. E' antes o brasileiro morador no local que vá aprendeudo, por necessidade, o allemão.

Isso não quer dizer, entretanto, que taes colonos tenham accetado um plano estabelecido de antemão na Europa, e a elle conscientemente obedeam, plano de traição contra a terra que vá ser a de seus filhos e já o está sendo mesmo, em grande numero de casos.

Varios allemães tenho conhecido aqui no Brazil opposicionistas ao *kaiser* prussiano, que, como todos sabem, governa um imperio nascido outro dia, sendo de hontem a unificação da Allemanha. Quem assiste de longe ao espectáculo do incontestavel grande progresso em que vá o paiz, não apprehende as particularidades, as luctas intestinas que lá existem ainda, as competencias pelo poder entre os representantes dos governos totalmente autonomos de outr'óra e o absorbente, incontentavel soberano da federação moderna, que os vá despojando aos poucos de prerogativas e regalias conservadas pelas transigencias indispensaveis nas negociações iniciaes. Os subditos desses reinos e principados decaídos tomam tão a peito essas questões, que ellas intibiam muitas vezes o seu entusiasmo pelo novo imperio, até mesmo depois de transportem o oceano e sob a influencia da

distancia, que geralmente nos deixa tão optimistas em favor do objecto abandonado.

Mas mesmo os que não teem essas nem outras razões para estar descontentes com a sua patria politica actual, são homens quasi todos que pensam mais em sua vida, nos seus negocios e interesses immediatos do que no missionismo das raças ou coisas theoreticas como esta, que lhes não offerecem vantagem pratica immediata nenhuma.

Por outro lado, elles não pôdem deixar de soffrer, seja como fôr, a influencia distensiva dos nossos vastos horizontes. Só a grandeza do scenario que este continente representa, em comparação com a estreiteza e deficiencia da Europa, do ponto de vista do territorio e dos nossos recursos naturaes, modifica seriamente os homens, mesmo os que ainda não tenham nascido aqui, uma vez que entre nós se demorem. Dentro em pouco, elles se sentem com outra comprehensão da vida e deixam de ser intactos europeus por isso mesmo.

Pensar que, na sua maioria, esses homens desejam actualmente ser subditos do imperador da Allemanha nestas novas terras, depois que o tenham ajudado a conquistal-as pelo ferro e pelo sangue, e que nos hajam destruido a nós como uns mollengos hodiernos aztekas, é não comprehender a evolução das idéas humanas do seculo XVI para cá. A epocha é caracteristicamente industrial; o militarismo representa mais um supplicio, uma dura *corvée*, como dizem os francezes, do que uma paixão entre os modernos.

E' preciso não ter vivido perto desses homens ou então ser incapaz de modificar uma idéa preconcebida mesmo deante da observação, e do que se sente na atmospheria propria, — o que é mais importante ainda, — para nestes pontos ter opinião diversa em relação ás colonias de europeus entre nós, geralmente falando, trate-se de allemães ou de outro povo qualquer.

O que o europeu não pôde perder de um dia para outro são os seus uzos e costumes, sua lingua, sua religião, tanto mais quanto pertença a uma raça inteiramente distincta da nossa, como acontece com os allemães. Além disso, a esse respeito obedece-se mais uma vez á lei do menor esforço. E' natural que um homem prefira viver num paiz estranho sem saír dos habitos em que nascera, uma vez que lhe seja isso possivel.

E' claro, si acontecer que afinal esses habitos venham a predominar sobre os do aborigene, e até os immigrados, com a sua influencia, sobre os destinos da região ou do paiz, isso lhes será ainda mais agradavel e pre-

ferivel. Nesse caso, é natural que elles acabem por fazer uma completa absorção daquella terra.

É esse o maior perigo, quasi que o unico *perigo real* que resulta para nós da immigração italiana em S. Paulo, como da immigração allemã no Paraná, em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul, conforme, relativamente aos ultimos, opina o nosso emmente escriptor.

Elle o vê e expõe com uma logica e clareza perfectas, consistindo nisso principalmente a originalidade do seu trabalho. Este differe, por isso, de quantos exaggeram e falseiam as coisas, victimas das suggestões francezas, norte-americanas e britannicas, que não devemos desprezar, mas saber que são forjadas principalmente com o fim de oppôr embaraços á acção industrial da Allemanha, acção essa de uma efficacia surprehendente em toda parte do mundo onde se váe fazendo sentir.

Como na Allemanha, ha hoje na Italia um grupo de espiritos dirigentes que acabaram por encarar o problema do seu verdadeiro ponto de vista, espiritos que tem como idéal menos o esbulho directo e pela força, aqui na America do Sul, do que a sobrevivencia do povo italiano nesta parte do continente, pela lingua e pelos costumes, sobrevivencia que basta por si só para garantir á mãe-patria vitalidade moral e as vantagens industriaes de novos e vastos mercados para os excessos da sua producção.

O perigo não está em que possamos a vir a ser colonia de novo, mas em que façam desta terra ou de algumas de suas partes o que fizeram os boers no Transvaal, que se creem Estados independentes constituídos por outras raças e em que se fale outra lingua que nos seja completamente estranha.

Desde 1825, historia o notavel auctor do *Allemanismo no Sul do Brazil*, que começou a immigração allemã para aqui e ha muitos annos, em 1881, que se fundou a importantissima Associação de Protecção Nacional em Berlim para a propaganda do *Deutschum* (o germanismo), logo com as vistas voltadas para o nosso paiz, perfeitamente informados os seus membros da situação em que se achavam as colonias allemãs da America do Sul.

E' preciso ler o opusculo para ficar bem ao par da acção pertinaz e productiva que essa associação tem exercido no que respeita aos interesses da Allemanha aqui no Brazil.

A prova, no emtanto, notarei, de que não são exclusivamente os esforços dos homens theoricos que hoje em dia influem em assumptos desta ordem, mesmo que elles disponham de grandes recursos, é que apesar de tudo, de ha uns annos a esta parte não

tem sido das mais consideraveis a immigração allemã para cá. Os immigrants nem sempre obedecem á senha official ou officiosa. Procuram de preferencia os pontos onde se lhes offerem melhores vantagens e garantias na occasião, sem se preocuparem muito com as grandes perspectivas para dahi a vinte cinco annos e ainda menos para dahi a um seculo contado.

A razão dessa relativa calma está em que a difficuldade e elevadissimo preço dos nossos transportes por emquanto, lá no sul, não permite um desenvolvimento industrial e agricola que proporcione emprego lucrativo a um numero de braços muito maior do que dispomos actualmente lá. Por esse motivo é que a Argentina e o Uruguay exercem maior attracção sobre as correntes immigratorias neste instante do que nós outros em qualquer parte do Brazil.

Com a construcção das estradas de ferro, porém, que já se está realisando e a de outras em via de inicio, assim como com os melhoramentos de portos que se vão fazer, dentro em pouco entraremos numa epocha de actividade e desenvolvimento ainda sem exemplo naquellas regiões.

Ahi, então, inevitavelmente, o perigo, por emquanto menos grave do que a espiritos mais apprehensivos parece, tornar-se-á verdadeiramente serio, si fôrmos tão incapazes como temos sido até hoje para evital-o com a calma resoluta e os processos licitos que o bom senso e já mesmo a pratica nos estão eloquentemente indicando.

Na ultima parte do seu resumido, mas excellente trabalho, o sr. Sylvio Roméro expõe o modo de ver que tem a este respeito. São coisas a discutir, a modificar, a desenvolver, a converter em factos por fim, como a nossa capacidade, a linha de conducta da raça e o momento aconselharem ou permittem.

O que não é possivel, de todo, é que continuemos na criminosa inercia de até hoje—attestado de uma ineptia e inopia de sentimentos que, a persistir, seriam a causa principal de uma merceda catastrophe para a nossa raça nesta parte do continente.

NUNES VIDAL.



## O ALMIRANTE (81)



ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO



### CAPITULO XXVII

Esse nome, proferido em disfarçado tom de malicia, provocou um espasmo de surpresa. Hortencia firmou as mãos crispadas nos braços da cadeira num movimento para erguer-se, sustado

pelos olhos prescrutadores de Oscar, fitos no rosto della, subitamente descolorido ao abalo da cruel noticia.

— Não póde ser.. — exclamou Hortencia.

— Porque? — inquiriu Amelia, no mesmo accentó, friamente intencional.

— Sim — continuou Hortencia, escolhendo os termos, corrigindo a irrepressivel explosão de sinceridade. — Sim, é possivel.. Tudo é possivel... Será um excellente enlace...

— Não ha duvida — interrompeu a marquez — O Sergio é um bom partido, apesar das suas idéas muito radicaes.

— A mim, a revelação desse segredo de amor — proseguiu Amelia — me cauzou tambem surpresa. E Laura, percebendo que lhe devassava o coração innocente, ficou tão commovida, tão perturbada, que eu não quiz insistir para, com os meus direitos de irmã mais velha, obter uma confissão completa. Que lhe parece, Oscar?...

O almirante quasi não ouvia as palavras de Amelia. Todo o seu pensamento, a alma que lhe transluzia nos olhos avidos, se concentravam em Hortencia, prescrutando-lhe as mais ligeiras contracções do rosto, denunciadoras do verdadeiro effeito daquella revelação. Elle sabia das relações de funda, de espontanea sympathia que, havia muito, estabeleceram entre os dois, laços mais solidos que os de uma amizade vulgar, relações que se não poderiam quebrar sem dilacerar os corações. Elle fitava o rosto de Hortencia como si procurasse decifrar nelle uma pagina do destino.

— Estava longe — murmurou Oscar — de pensar nisso. Confesso que é para mim uma noticia muito agradável. Será Laura correspondida?...

— Não sei — respondeu Hortencia — Verificaremos quando Sergio de Lima voltar do norte. Isto que lhes disse fica entre nós.. Póde ser que eu tenha julgado mal, que eu me tenha enganado... Em todo o caso, não me imputarão como leviandade, impropria dos meus cabellos brancos, o facto de lhes haver communicado a minha impressão. Somos todos amigos que devemos ficar muito satisfeitos com uma noticia dessas.

— Quem diria? — ponderou a marquez — Eu percebera que o Sergio não desgostava de Hortencia; inclinações da juventude, passageiras impressões que desaparecem sem deixar vestigios... Agóra, minha querida filha, podemos recordar o teu idyllo de menina; não ha perigo, uma vez que estás casada... e és feliz...

A marquez, sem querer, distillava gotta a gotta, no peito de Hortencia, o venenoso filtro de recordações venturosas dos dias passados na fazenda,

dias em que despontára nella a primeira florescencia do amor.

Houve um longo espaço de silencio. Amelia sorria satisfeita do embaraço da irmã, com superior desdém ao dardo dos olhares que esta lhe projectava em intermitentes fulgores maguados, misturados de indignação, de suffocada colera.

— Sim. Feliz... — exclamou Hortencia, num resolutivo movimento, erguendo-se e tomando as mãos do marido—Não é assim, Oscar... Seremos muito felizes...

Amelia conteve um gesto de surpresa, mordeu ligeiramente os labios lividos e repetiu num aspero tom de amargura:

— Muito felizes. Não ha duvida. Mas não me façás inveja com a tua ventura.

Oscar sorriu, acolhendo a esposa carinhosamente.

— Ia-me passando—continuou Amelia — que Dolores virá hoje vel-os. Recebemos hoje os cartões de despedida da baroneza de Freixo. Coitada! Está tão mal que não pôde ir pessoalmente despedir-se de nós. Embarcam para a Europa, depois de amanhã. Disse-me Dolores que a pobre está de uma magreza de esqueleto. Não imaginam como Dolores ficou impressionada... Esta parece tambem muito doente. Metteu-me tanta pena que lhe perdoei as faltas... Bem sabem que nunca accommodei as suas maneiras um tanto desevoltas... de mulher da moda... Ah! minha querida marquezia: si a vir, ficará como eu, consternada... Restam-lhe, todavia, os olhos, os bellos olhos meigos e o talhe mais elegante, adelgado pela molestia. E' ainda, repito, um bello demonio.

Rompendo os seus habitos de rigida serenidade, Amelia falava com volubilidade, como si haurisse um gozo ineffavel em rememorar os soffrimentos daquellas pessoas da intimidade da marquezia. Esquecera a scena de humilhação em que repellira Dolores no dia do desastre de Oscar; chegára mesmo a arrepender-se da crueldade com que a tratára, acolhendo-a com bondade a creatura que partilhava a decepção infligida a ambas pelo inopinado casamento de Oscar. Dolores era uma victima e a repugnancia que lhe inspirava se transformára em compaixão porque Amelia comprehendia, então, que uma mulher apaixonada era capaz de todas as baixezas, de todos os heroismos, sem preocupação dos dictames da moral, do juizo da sociedade. Ella percebera nas palavras de Dolores, a tortura do coração flagellado pela desillusão, embóra elle a rebugasse com toda a arte da dissimulação feminina.

Quando ella lhe pediu noticias de

Oscar, allegando estar tão magra, tão feia, que não ouzava apparecer no palacio da marquezia, Amelia animou-a, propondo-se a acompanhal-a, mas Dolores esquivou-se promettendo apparecer mais tarde, á noite, quando seriam menos evidentes os estragos que a desfiguravam.

Tanto que ella a deixou, Amelia foi ao espelho, mirou-se assombrada por lhe parecer que se reflectia nas faces pallidas, nos olhos vibrantes, na bocca resequida, contraída num rictus de amargura o tumulto de sua alma, duramente castigada. Ella tivera nas mãos a ventura sonhada, poderia acceitar a proposta do padre Paulo; dependera de uma palavra de consentimento o seu enlace com Oscar. E fechára, sem piedade, num cruel movimento de orgulho, a perspectiva de suas aspirações, o anhelos mantido como um culto durante a juventude que sentia, agóra, fugitiva.

O ambiente abafava; os moveis, os ornatos elegantes, os vasos de porcelana se lhe figuravam animados de ironica piedade, testemunhando o soffrimento que a torturava. Nesse estado d'alma, ella resolvera defrontar corajosamente a situação, procurar o sitio que lhe inspirava horror, a casa onde se realizára o monstruoso crime do enlace da irmã com esse moribundo, milagrosamente restituído á saúde, pôr á prova a sua energia, atordoar-se com a dôr, fazer soffrer os outros, como si encontrasse um lenitivo nessa crueldade inutil de mortificar a irmã ambiciosa.

Sem communicar a Laura, evitando encontrar-se com a mãe, que, havia pouco, chegára e conversava com o conselheiro no gabinete, onde este resolvía os transcendentales problemas de historia nacional, Amelia partiu a pé, vencendo a distancia em rapida marcha, contando dissimular com os effeitos da fadiga os vestigios de grande magua irreparavel.

(Continúa).

DEIXOU A REDACÇÃO do *Correio da Manhã* o sr. Leão Velloso, cuja penna, ao serviço diario da primeira columna do eminente jornal, nol-o revelou como um dos nossos mais poderosos jornalistas.

Abaixo, váe reproduzida a gentilissima local, edição de 14 deste, em que os nossos illustres collegas informaram esse facto ao publico. E' ocioso salientar a sensação que ella cauzou, não, de certo, em prejuizo do character do magnifico escriptor, mas em perfeita e natural consideração á inflexivel inteireza com que o *Correio* mantem o seu programma.

A ninguém, com effeito, pôde ser indifferente a elevação de intuitos dessa medida, porque, não lhe faltando as mais limpidas razões, constitúe uma prova nova, e estu-

penda, dos puros, dos honestos sentimentos de patriotismo que dirigem a infatigavel batalha desse jornal. Sem nenhuma ligação aos grupos da politica brasileira, o *Correio* não podia, sem quebra do seu programma, tão rigorosamente, tão irreductivelmente cumprido até hoje, manter, na sua redacção, o brilhante jornalista que, em virtude da sua intimidade com os «politiqueiros» do chamado *Bloco*, era um entrave áquella fulgurante liberdade de acção a que este paiz deve tão gloriosos e preciosos serviços.

A deliberação dos nossos prezados collegas, que importou—elles o disseram—em sacrificio da sua grande e notoria affectividade para com o seu querido *Gil Vidal*, é, de facto, como todos aliás reconhecem, mais um documento publico, inteiramente bello, a assegurar a incomparavel firmeza de principios com que essa honrada folha leva o seu rumo através da vida nacional.

«Deixou de fazer parte da redacção do *Correio da Manhã*, o dr. Pedro Leão Velloso filho, deputado ultimamente eleito pelo 4º districto da Bahia.

Durante cinco annos, dia a dia, com uma constancia admiravel e um talento de fecundidade e brilho incomparaveis, o dr. Leão Velloso filho conquistou, na primeira linha do jornalismo brasileiro, um nome que é uma gloria para elle e era para nós motivo justissimo de orgulho.

Nessa casa, que tantas vezes elle dirigiu com dedicação e exemplarissima lealdade, o dr. Leão Velloso foi a principio um companheiro querido. Tornou-se depois o mestre amado, e foi, por muitas vezes, o chefe valeroso, a que abedeciam todos com galhardia e bravura, porque elle dispõe desta formidavel força, rarissima na imprensa de hoje: é uma penna de ouro, do mais puro quilate, que nunca se asevandijou ao serviço de um interesse impuro.

Aqui, entre nós, numa communhão de affectos que nunca se hão de partir, elle conheceu as glorias e os soffrimentos do jornalismo: foi combatido e aclamado, até que conseguiu a invejavel supremacia, que ninguém agóra lhe disputa.

A politica, para onde o impelliram as suas ultimas luctas, o foi seduzindo aos poucos, até que o empolgou de todo.

Hoje, o dr. Leão Velloso é uma das figuras mais sympathicas e valorosas do *Bloco*, que obedece á direcção do general Pinheiro Machado. Quando vimos o brilhante jornalista vinculado a esse ajuntamento de politiqueiros, desde logo nos sentimos incompativeis com elle, sem embargo da justiça que fazemos á nobre elevação do seu character e da ampla liberdade que elle tinha nesta folha.

A saída do dr. Leão Velloso, para nós, não é sómente uma perda irreparavel: é um sacrificio, uma dolorosa separação, a que bem difficilmente nos havemos de costumar.»

**XADREZ**

TEICHMANN E CALDAS VIANNA

*No Club dos Diarios.—A segunda partida com o dr. Caldas Vianna: empate.—Um problema de Teichmann.—Uma variante do Ruy Lopez.—Opinião de Teichmann sobre o dr. Caldas Vianna.—Nove partidas simultaneas.—Manifestações a Teichmann.*

A segunda partida jogada entre Teichmann e o dr. Caldas Vianna teve uma grande solemnidade e as suas peripecias verdadeiramente sensacionais foram acompanhadas com o mais vivo interesse por uns 30 amadores, que foram ao Club dos Diarios atraídos pela noticia.

A's 9 horas e 20 minutos da noite teve começo. Teichmann tinha as Brancas e abriu com a fortissima partida viennense, que jogou, segundo elle mesmo declarou, com as variantes mais dificeis, que elle costumava uzar com os grandes mestres, nos torneios. Os 14 primeiros lances foram rapidos: em 10 minutos, esta primeira phase da partida foi liquidada. Então começou, de parte a parte, o jogo sério. Os lances de 15 a 20 gastaram 50 minutos. Em uma hora, foram jogados os 9 seguintes e em mais uma hora os tres immediatos, adiando-se a partida no 32º lance, ás 12 e 20 minutos da manhã. Os seis ultimos foram sobretudo dificeis para Teichmann, que teve de soffrer um ataque terrivel, a que qualquer outro, que não fosse elle, succumbiria. No dia seguinte, ás 8 horas e 50 minutos da noite, a partida, interrompida no 32º lance, recommençou. Foram na primeira hora jogados 9 lances e os 14 ultimos em 25 minutos. No 49º lance Teichmann propoz o empate, que não foi logo acceito, mas que, 4 lances depois, era fatal.

O jogo do dr. Caldas Vianna foi estupendo; as suas respostas eram de uma precisão magnifica e attendiam admiravelmente a todas as subteis aggressões do seu formidavel adversario. Teichmann foi maravilhoso nos momentos dificeis. Adeante publicamos essa extraordinaria partida com os commentarios que ella suggere.

—Teichmann tem estado diariamente no Club dos Diarios, attendendo com a sua incomparavel gentileza a todos os amadores que delle querem receber uma lição ou um conselho. E' dotado de uma esplendida memoria e sabe de cor um sem numero de problemas muito curiosos e fins de partidas difficillimos. Elle mesmo é, como já dissemos, um forte problemista, e o problema delle, que hoje damos, é uma obra d'arte de alta belleza, pela originalidade da inicial e a surpreendente concepção das variantes.

—O dr. Caldas Vianna, em conversa com elle, recommendou-lhe uma variante do Ruy Lopez, que se podia empregar com vantagem na antiga defeza dessa abertura; elle a achou tão curiosa e interessante, que prometteu estudal-a e empregar-a no torneio de Ostende, no proximo mez de junho.

—Interpellado por um dos amadores, o prof. Teichmann, apezar da discreção e da reserva com que aborda esses assumptos, declarou que não tinha encontrado em Buenos, Aires nenhum adversario da força do dr. Caldas Vianna.

—No dia 12 de maio, Teichmann deu uma nova sessão de 9 partidas simultaneas, com o resultado de duas nullas com Quintino Bocayuva Junior e F. Leloir e 7 ganhas a Theophilo Torres, Raul de Castro, Ribeiro de Almeida, Augusto Silva, Alfredo Ferreira, Annibal da Gosta Pereira e Frota

Pessoa. A sessão durou pouco mais de 2 horas.

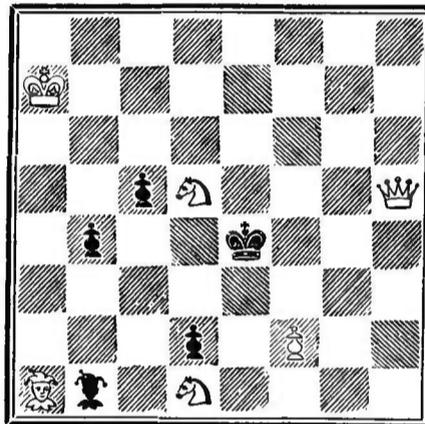
—Nessa mesma noite, terminada a sessão, foi-lhe offerecida pelos amadores uma rica bengala de marapinima, com castão de ouro artisticamente cinzelado. A bengala traz a seguinte inscripção: «Ao professor Teichmann, os amadores de xadrez do Rio de Janeiro. Abril-maio de 1906». Foi o commendador Arthur Napoleão quem se incumbiu da offerta, o que fez nestes termos: «Como eu sou o mais velho e dei as primeiras lições a este (apontando para o dr. Caldas Vianna), escolheram-me para vos offerecer este mimo. Aceitae-o como uma lembrança dos amadores de xadrez do Rio de Janeiro.» O professor Teichmann respondeu simplesmente: «Agradeço e espero em breve tornar a ver-vos». Um bouquet tambem lhe foi entregue pelo dr. Caldas Vianna. Depois, as palmas do estylo e uma taça de champagne.

—No dia 13, domingo, os amadores de xadrez offereceram ao professor um almoço no Sylvestre.

**PROBLEMA N. 47**

R. Teichmann

PRETAS (5)



BRANCAS (6)

Mate em tres lances

**PARTIDA N. 53**

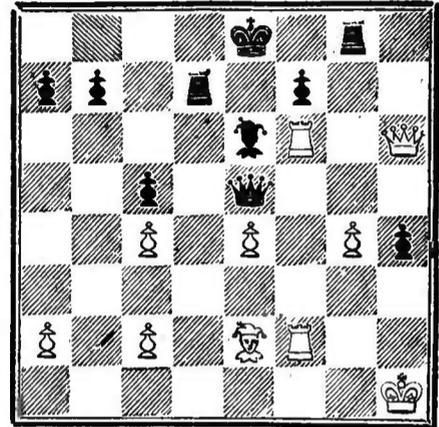
(Jogada no Club dos Diarios a 7 e 8 maio de 1906)

PARTIDA VIENNENSE

Brancas (R. Teichmann)	Pretas (Dr. Caldas Vianna)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B D	— 2 — C 3 B R
P 4 B R	— 3 — P 4 D
P × P R	— 4 — C × P
C 3 B R	— 5 — B 5 C D
B 2 R	— 6 — Roque
Roque	— 7 — C 3 B D
D 1 R (a)	— 8 — T 1 R
P 3 D	— 9 — P 5 D (b)
P × C	— 10 — P × C
P × P	— 11 — B 4 B x
R 1 T	— 12 — C × P
C × C	— 13 — T × C
B 3 D	— 14 — T 1 R
B 4 B R	— 15 — B 3 R (c)
T 1 D	— 16 — B 5 C R
T 2 D (e)	— 17 — D 1 B
D 3 C	— 18 — P 3 B D
P 3 T R	— 19 — B 3 R (f)
B 5 R	— 20 — B 1 B R
P 4 B D	— 21 — P 4 B D! (g)
T 6 B (h)	— 22 — P 3 C R
T 1 B	— 23 — B 2 C
B × B	— 24 — R × B
T 4 B R	— 25 — D 2 B
T (2 D) 2 B R	— 26 — D 4 R! (i)
D 3 B	— 27 — T 2 R
P 4 C R (j)	— 28 — P 3 T R
P 4 T R	— 29 — P 4 C R
T 6 B	— 30 — P × P
T 4 B	— 31 — T 1 C R
B 2 R	— 32 — R 1 B

T 6 B — 33 — T 2 D!  
D 3 R (k) — 34 — R 1 R  
D × P 6 T — 35 —

Depois do 35º lance das Brancas



— 35 —	D × P R x (l)
B 3 B	— 36 — T 8 D x
R 2 T	— 37 — D 4 R x
D 4 B	— 38 — D × D x
T × D	— 39 — T 8 R
R 3 T	— 40 — P 3 C D
R × P	— 41 — T 8 C R
T 2 C R	— 42 — T × T
B × T	— 43 — R 2 R
B 5 D	— 44 — T 1 D
T 4 R	— 45 — R 3 B
P 4 B x	— 46 — R 2 R
T 4 R	— 47 — R 3 B
T 4 B x	— 48 — R 2 B
T 4 R	— 49 — T 3 D (m)
R 5 C	— 50 — R 2 D
B × B x	— 51 — T × B
T × T	— 52 — R × T
R 4 B	— 53 — R 3 B
P 5 C x	— 54 — R 3 C
R 4 C	— 55 —

empate

(a) Para poder avançar o pião da Dama.

(b) Com este bom lance as Pretas quebram o centro do adversario, dobrando um pião e isolando outro.

(c) O prof. Teichmann concorda com o dr. Caldas Vianna em que este lance é mais seguro que D 2 R.

(d) Este lance, na opinião de Teichmann, é uma perda de tempo, porque a sua torre tanto está bem a 1 como a 2 D.

(e) Si 17 — B 2 R, D 1 B D.

(f) Esta volta do B prestigia a opinião do prof. Teichmann da nota d. Elle pensa ainda que o logar desse bispo é a 3 R, onde se acha melhor do que a 3 C, para onde pensou em levar-o o dr. C. Vianna.

(g) Magnifico lance que por muito tempo tranca o B R adverso.

(h) Naturalmente para ir a 6 T, mas a resposta das Pretas desfaz o plano. O prof. Teichmann pensa que 23 — T 4 B seria muito mais forte, porque então a torre viria com um bello ataque a 4 T.

(i) Lance homologado do 21º — P 4 B D: esbarra o pião do Rei, encadeia novamente o B R branco, defende todos os ataques e traz ameaças graves. A Dama nesta posição é inatacavel, inamovivel, na expressão do dr. C. Vianna.

(j) Não ha outra coisa a tentar.

(k) E' claro que si 34 — T × P, B × P C R com superioridade, conjugado este lance com a ameaça de T 8 D.

(l) Ambos os mestres são de accordo em que, com este lance, as Pretas deixam escapar uma victoria quasi certa. O jogo era 35... B × P C R

(m) O dr. Caldas Vianna não acceita a nullidade proposta e procura ganhar, mas Teichmann joga todo este final de um modo admiravel, assegurando o empate, apezar dos habeis esforços em contrario do seu adversario.

JOSÉ GETULIO.